

# *Entre Caranguejos e Tatus:*

*A Leitura e a Escrita do Mundo Vivido  
dos Estudantes da EJA, Barreiras-BA*



*Dalziza Almeida de Macedo Barbosa  
Valney Dias Rigonato*

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# *Entre Caranguejos e Tatus:*

*A Leitura e a Escrita do Mundo Vivido  
dos Estudantes da EJA, Barreiras-BA*



*Dalziza Almeida de Macedo Barbosa  
Valney Dias Rigonato*

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Entre caranguejos e tatus: a leitura e a escrita do mundo vivido dos  
estudantes da EJA, Barreiras-BA

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Dalziza Almeida de Macedo Barbosa  
Valney Dias Rigonato

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B238e Barbosa, Dalziza Almeida de Macedo.  
Entre caranguejos e tatus [recurso eletrônico] : a leitura e a  
escrita do mundo vivido dos estudantes da EJA, Barreiras-BA /  
Dalziza Almeida de Macedo Barbosa, Valney Dias Rigonato. – Ponta  
Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-334-7  
DOI 10.22533/at.ed.347201908

1. Educação de jovens e adultos – Estudo e ensino. 2. Leitura.  
3. Escrita. I. Barbosa, Dalziza Almeida de Macedo. II. Rigonato,  
Valney Dias.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

  
**Ano 2020**

## AGRADECIMENTOS

A trilha da produção do conhecimento nos proporciona diversas experiências e profundo sentimento de gratidão a todos que compartilham conosco esse itinerário. Por isso, agradecemos imensamente.

A todos os nossos familiares pelo apoio, incentivo e inspiração para cada realização.

Aos Estudantes da Escola Centro Educacional Luiz Viana Filho, colaboradores e, de certa maneira coautores desse trabalho, pois este não seria possível sem a participação interativa de todos nesse processo incrível de ensinar e aprender.

A todos que de alguma maneira contribuíram conosco para mais uma conquista e realização de mais um sonho.

Queremos tecer nossos agradecimentos ao Artista Vitor de Macedo Barbosa pela representação magnífica desenvolvida com muita sensibilidade, cuja obra representa a capa desse livro. Expressando ao fundo uma paisagem árida do nosso Nordeste composta também da imagem de um “homem-tatu” representado à frente catando caranguejos ao chão com destaque para os livros voadores. Numa analogia à escrita e leitura, Vitor nos presenteou com essa paisagem fenomenológica muito pertinente à temática do trabalho realizado. Tecemos igualmente agradecimentos a Lavínia de Macedo Barbosa pelos desenhos representativos do Planeta Terra e nele as geograficidades do ser humano com a escrita de suas histórias. Esses desenhos iniciam os Capítulos 1 e 3 deste Livro.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>1</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>2</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO</b> .....	<b>6</b>
<b>NOTAS METODOLÓGICAS</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>11</b>
GEOGRAFIA E LITERATURA	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>26</b>
IMAGEM, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DO(S) NORDESTE(S) EM SALA DE AULA	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>42</b>
A ESCRITA E A LEITURA NA INTERFACE GEOGRAFIA ESCOLAR E LITERATURA	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>59</b>
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>67</b>

## ENTRE CARANGUEJOS E TATUS: A LEITURA E A ESCRITA DO MUNDO VIVIDO DOS ESTUDANTES DA EJA, BARREIRAS-BA

**RESUMO:** A Geografia contribui para compreender a sociedade e suas relações de convivência no espaço geográfico em múltiplas escalas. No ensino público municipal de Barreiras, na modalidade EJA, os estudantes ainda apresentam dificuldades de leituras das palavras e do mundo vivido. Com isso, objetivou-se construir junto aos estudantes um conhecimento mais pertinente com seus anseios e vivências, além de contribuir para a diminuição das dificuldades de leitura, escrita e compreensão do mundo vivido. Assim, a pesquisa traçou possibilidades de interpretação através da leitura da obra de Josué de Castro *Homens e Caranguejos* e produção de cordel, com apoio de recursos didáticos, como vídeos, músicas, debates e discussões. As abordagens desenvolveram-se a partir do diálogo com diversos autores, como Eric Dardel, Maria Geralda de Almeida, Eguimar Chaveiro e Gaston Bachelard que envolvem os universos simbólicos, imaginário e conceitual presentes no pensamento reflexivo, entre muitos outros que discutem a importância dessas contribuições metodológicas e filosóficas no estudo da Geografia, especificamente a Geografia Escolar voltada para a EJA. A partir dessa interface percebemos um melhor aproveitamento pelos estudantes das diversas atividades que contemplavam a pesquisa, os quais participaram com entusiasmo e criatividade, além de se aproximarem mais dos estudos da Geografia de uma maneira mais íntima, como bem proporcionado pelas narrações literárias que conseguem abordar em suas entrelinhas as representações espaciais da sociedade e do seu mundo vivido.

**PALAVRAS - CHAVE:** Geografia, Geografia Escolar e Literatura, EJA.

## BETWEEN CRABS AND TATUS: READING AND WRITING OF THE LIVING WORLD OF EJA STUDENTS, BARREIRAS-BA

**ABSTRACT:** The geography contribute to understand the society and them living relations on the geographic space in several schedules. On the Barreiras' municipal public teach, the modality EJA, the students still present difficulty on reading words and living world. Anyway, the purpose was build together with the students a knowledge more relevant with them expectations and experiences, in addition to contribute for the reduction of reading difficulty, write and world compression. As soon the research made possibilities and interpretation through reading Josué Castro's book called *Homens e Caranguejos* and twine's production, with support of didactic recourses like videos, songs, debates and open discussions. The approaches developed from the conversation with various writers, like Eric Dardel, Maria Geralda Almeida, Eguimar Chaveiro and Gaston Bachelard that involve the symbolism's universes, imaginary and conceptual that are on the reflective thought, among others that discuss about significance of theses methodological contribution and philosophical on the geography's study, specifically the school's geography for EJA. From this interface we can realize a more enjoy from the students and differents activities that deliberate the search, that people that participate with enthusiasm and creativity, in addition to approximate more to geography's study as a more intimate way, how good provided for the literary's narrations that can approach in them little stars the society's space presentation and them living world.

**KEYWORDS:** Geography, School's Geography and literature, EJA.

O ensino de Geografia tem sido alvo de muitas críticas, principalmente a respeito das metodologias utilizadas pelos professores em suas aulas. Essa pesquisa pretende suscitar uma reflexão diante da realidade do ensino e aprendizagem dos estudantes jovens e adultos da SME (Secretaria Municipal de Educação) de Barreiras, Bahia, pois esses, principalmente das escolas públicas são cada vez mais prejudicados por currículos engessados com pouca abertura para a reformulação de conteúdos pautados em sua realidade.

Os estudantes do turno noturno são estritamente prejudicados por vários fatores, entre os mais relevantes estão o tempo, tanto no momento das aulas, muito reduzido, quanto em casa para as atividades extraescolares, além de questões como a desconsideração da própria SME com os estudantes da EJA, porém, quando passamos a analisar a questão didático-pedagógica, no contexto da aprendizagem dos conteúdos de Geografia, percebe-se dificuldades quanto à aprendizagem desses estudantes referentes à leitura e escrita, ao considerar produção de textos e interpretação dos temas propostos nas aulas, ou seja, eles compreendem muito pouco, ou quase nada do que leem, e não conseguem expressar a precária compreensão dos conteúdos, principalmente na modalidade escrita.

Como professora regente desde o ano de 2008, em diálogo com a formação acadêmica na Licenciatura em Geografia, tive a oportunidade de analisar tanto o ensino público como as dificuldades sociais, econômicas, culturais e políticas dos estudantes das turmas de EJA. Observamos a desvalorização das turmas e falta de ações políticas que contemplem as necessidades desses estudantes. Com isso, nota-se a cada ano o aumento da evasão escolar, estudantes prejudicados em relação ao ensino e aprendizagem, que não consegue contemplar seus anseios e necessidades do cotidiano, entre diversos outros problemas.

No espaço escolar de Barreiras, BA as turmas de EJA são desconsideradas no contexto educacional, pois a preocupação com esses estudantes se resume em fazê-los superar os anos perdidos de estudo, sem dar muita ênfase no processo de ensino e aprendizagem, na formação de seres pensantes, ativos na sociedade e capazes de qualquer situação se comparados aos demais estudantes do ensino regular.

Ao constatar essa realidade em minha práxis emergiu a necessidade de mudança de metodologias de ensino voltada para as dificuldades de leitura e escrita desses estudantes.

Por isso, decidi fazer uma abordagem entre Geografia e Literatura com a pretensão de trazer aos estudantes uma aproximação dos conteúdos estudados em Geografia Escolar e as experiências do cotidiano dos mesmos como geralmente é desenvolvido nas narrações literárias.

A partir dessa prerrogativa, foi feita uma interação entre os estudantes do noturno com os seus anseios e problemas dos contextos em que vivem, através de discussões em aula e leituras diversas da literatura brasileira, com ênfase na obra de Josué de Castro “*Homens e Caranguejos*” na qual buscou-se uma melhor compreensão da experiência do mundo vivido. Com isso, além de contribuir didaticamente para a superação das dificuldades de leitura e escrita desses estudantes, essa abordagem possibilitou uma atribuição de significados aos estudos realizados por eles em sala de aula, algo muito importante para os estudantes da EJA.

Assim, o desenvolvimento dessa pesquisa permeou por ações e estratégias de ensino - aprendizagem em Geografia Escolar Humanística voltadas para EJA, baseadas na utilização de recursos de leitura e escrita, como o clássico de Josué de Castro *Homens e Caranguejos*, *Literatura de cordel*, *Poesias*, além de *desenhos*, *vídeos* e *músicas*, mediados por debates nas aulas de Geografia com o objetivo principal de desenvolver, a partir da interface com a Literatura e a Geografia Escolar metodologias de ensino e aprendizagem que motivem a leitura, a escrita e a compreensão da experiência do mundo vivido pelos estudantes da EJA da escola Centro Educacional Luiz Viana Filho em Barreiras, BA.

Assim, por meio da prática da leitura de textos literários, da escrita na interdisciplinaridade com os conceitos geográficos e a partir da utilização de obras da literatura brasileira clássica e popular possibilitamos aos estudantes uma análise mais integrada entre realidade vivida e sentida, simultaneamente ao estudo dos conceitos e métodos científicos da Geografia (BRAGA e ALMEIDA, 2014, p.200).

O presente livro está organizado em três capítulos. O primeiro apresenta uma abordagem entre Geografia e Literatura feita junto aos estudantes da EJA com a pretensão de uma melhor aproximação entre os conceitos, conteúdos e temas abordados nas aulas de Geografia Escolar, principalmente relacionar o contexto vivido dos estudantes da EJA. Desenvolve-se também uma análise da Geografia e da Literatura no contexto escolar, e procura discutir as questões educacionais a respeito da Geografia Escolar, suas dificuldades de compreensão e a possibilidade de uma melhoria no processo de construção de saberes pertinentes à vida dos estudantes, sua realidade e os problemas políticos, econômicos, sociais e culturais enfrentados pela maioria da população brasileira, e barreirense, além da superação de problemas voltados para as dificuldades de leitura e escrita. Para isso abordamos alguns textos literários, entre eles *Homens e Caranguejos* (CASTRO, 2003).

No segundo capítulo procuramos desenvolver o diálogo com a discussão sobre o imaginário dos estudantes da EJA a respeito de suas concepções de Nordeste e os problemas enfrentados pela população do Oeste da Bahia. A partir de representações por

meio de desenhos eles puderam expressar quais imagens atribuem ao Nordeste ou ao(s) Nordeste(s) que conheciam, ouviram falar, imaginavam.

No terceiro capítulo procuramos desenvolver atividades de escrita, representações também por meio de desenhos feitos pelos estudantes, como uma maneira de oportunizá-los a expressarem suas considerações, seu imaginário, suas concepções de mundo vivido e a relação que fizeram com os temas estudados. A utilização de alguns recursos de linguagens, como vídeos explicativos, documentários, imagens em power point, músicas foi importante nessa etapa, pois os estudantes puderam se expressar com maior motivação e facilidade quanto às suas dificuldades de leitura, escrita e compreensão.

# CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

Os sujeitos/objetos dessa pesquisa foram os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) da escola municipal Centro Educacional Luiz Viana Filho, localizada no bairro Vila Brasil em Barreiras, BA. Essa escolha se deu devido a uma prévia análise enquanto professora da escola e desses estudantes, das dificuldades enfrentadas por eles, e especificamente relacionadas à formação de conceitos em Geografia. Estes fazem parte das turmas de EJA do 8º ao 9º ano do Ensino Fundamental, compreendendo jovens, adultos e idosos em diversas faixas-etárias (Figura 1).

São estudantes com características diferenciadas, porém, a maioria habita o bairro Vila Brasil (Figura 2), no qual se encontram pessoas que possuem um nível econômico mais baixo em relação aos demais habitantes de Barreiras. Cabe ressaltar que nesse bairro os problemas urbanos são mais intensos, entre muitos outros enfrentados pela população que ocupa os bairros periféricos das cidades do Brasil, como exemplo, podemos citar a desconsideração por parte dos governantes desses municípios para a educação, especificamente a pública. Ao abordar a questão “*Analfabetismo no Brasil evidencia desigualdades sociais históricas*” Aline Nanoe (Laboratório de Demografia e Estudos populacionais - UFJF, 2012) ressalta:

As taxas de analfabetismo no Brasil, normalmente tratadas dentro do universo de números e metas, deveriam, segundo especialistas em educação, ser também analisadas dentro da área de política social e econômica, já que a população considerada analfabeta é a mesma que sofre de outros problemas que afligem o país. (NANOE, LADEM-UFJF, 2012)

A análise feita por Aline Nanoe considera o fator educacional relevante no contexto das desigualdades sociais. Esta prerrogativa enfatiza um dos principais direitos do ser humano, o de poder ter a dignidade de desenvolver leituras da vida e do mundo que vive, por sua própria conta.



Figura 1. Estudantes da EJA – Centro Educacional Luiz Viana Filho, Barreiras -BA

Fonte: autora, 2014

Os estudantes da EJA possuem características que os representam no âmbito educacional de maneira diferenciada, pois trata-se de pessoas com determinados déficits educacionais causados por desigualdades diversas que lhes impossibilitaram desse direito.

Temos que ressaltar a questão do tempo estipulado para as aulas, sem esquecer também da falta de tempo disponível em outros horários, já que, em sua maioria são jovens e adultos trabalhadores (Quadro 1), que por uma análise didático-pedagógica já se configura como um significativo empecilho para a aprendizagem desses estudantes, além disso, a alta rotatividade de estudantes presentes nas aulas, devido a problemas familiares, o consumo de drogas e a violência, cansaço físico pelo trabalho pesado, e a alta evasão escolar definitiva como consequência desses problemas, ou em períodos sazonais, marcados pelo plantio ou colheita nos *Gerais* da agricultura moderna da região, ou mesmo o horário de entrada, saída e permanência nos empregos, como relatados em justificativas na escola.

<b>Estudante</b>	<b>Profissão</b>	<b>Local (bairro) de moradia</b>	<b>Idade</b>
HÉRCULES SILVA	Estudante	Santa Luzia	15 anos
OSSILVA OLIVEIRA	Costureira	Santa Luzia	41 anos
MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA	Doméstica	Vila Brasil	39 anos
NAIARA SANTOS	Estudante	Santa Luzia	17 anos
ERENILTON SANTOS	Padeiro/ajudante de pedreiro/ serviços gerais	Vila Brasil	49 anos
MARIA ALICE BEZERRA	Secretária	Vila Brasil	19 anos
MAX AURÉLIO	Estudante	Vila Brasil	18 anos

ANDRÉIA FERREIRA	Estudante	Novo Horizonte	16 anos
SAMUEL DE JESUS	Lavador de carro	Vila Brasil	17 anos
ROGÉRIO PEREIRA	Vigilante/pastor	Vila Brasil	35 anos
CRISTIANE ALVES	Confeiteira	Vila Brasil	30 anos
ALICE MIRANDA	Dona de casa	Vila Brasil	65 anos
CRISTIELE	Doméstica	Vila Brasil	31 anos
NIELSON SANTOS	Agricultor/ cantor	Tabua de Água Vermelha (Zona Rural)	26 anos

Quadro 1: Profissões e local de moradia dos estudantes da Escola Centro Educacional Luiz Viana Filho em Barreiras, BA

Fonte: autora, 2014

Ao longo dos últimos anos de docência observei também que as turmas de Jovens e Adultos estão mais jovens que adultos, pois estes têm procurado cada vez mais o turno noturno para a aceleração dos estudos como forma de superar os anos perdidos com problemas como repetência escolar, dificuldades em conciliar os estudos e o trabalho, a gravidez nas jovens ou mesmo a parada nos estudos em alguns períodos da vida escolar por motivos diversos.

São estudantes especiais, como os demais estudantes, entretanto esses estudantes possuem mais experiência de vida diante das contradições do mundo vivido, por outro, são estudantes com diversas dificuldades na construção de conhecimentos, sobretudo de leitura, escrita e compreensão de textos. Além disso, possuem poucas habilidades e competências para analisar suas experiências de vida.

# NOTAS METODOLÓGICAS

A realização da pesquisa monográfica permeou por ações metodológicas que a caracterizam como uma *pesquisa - ação* (PINHEIRO, 2005), também caracterizada como uma *pesquisa participativa*, pois trata-se de atividades que abrangem a participação do pesquisador junto aos sujeitos/objetos de estudo, no caso os estudantes, no âmbito da pesquisa escolar, com uma interação entre ambos e a intervenção do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa, sem envolvimento direto na relação entre o estudante e o conhecimento produzido nesse processo.

Essas ações metodológicas, abordadas com o recurso da Literatura, junto ao estudo da Geografia, compõe-se de atividades que propõem aos estudantes se expressarem por meio de linguagens diversas, o(s) Nordeste(s) que imaginam conhecer ou ouviram falar. Essas ações permitiram uma interação mais aprofundada entre professor/pesquisador e os estudantes com suas vivências, suas percepções de mundo. Para tanto, desenvolveram-se os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1. Escolha do livro** – Ao pensar sobre as dificuldades encontradas na Geografia Escolar, nas enfrentadas pelos estudantes da EJA na escola e pelas dificuldades que enfrentam cotidianamente, o livro de Josué de Castro *Homens e Caranguejos* passou a ser um de nossos principais recursos para o desenvolvimento da pesquisa. A mesma aliou Geografia Escolar e Literatura com propostas metodológicas que consistiram em trabalhar com o contexto vivido do estudante, suas experiências, seus anseios sobre a vida, o trabalho, seus sentimentos sobre a própria vida e todas as situações enfrentadas por eles, enfim, as suas representações espaciais e sociais. O livro *Homens e Caranguejos* e seus enredos de desigualdades, cultura e contextos diversos do sofrimento, da pobreza na região Nordeste, relacionados com os problemas da maioria da população brasileira e baiana, passaram a fazer parte do debate nas aulas de Geografia, a qual abordava as desigualdades diversas enfrentadas pela população brasileira, baiana e baiana.
- 2. Apresentação/problematização** – Ao começarmos a desenvolver a pesquisa nas aulas de Geografia solicitei aos estudantes que fizessem um registro por meio de desenhos sobre que concepções têm sobre o Nordeste. Após realizarem os registros passamos a analisá-los coletivamente e debater sobre as representações nos desenhos, com questionamentos sobre a temática abordada, e a partir disso refletimos sobre o(s) Nordeste(s) tema que permeou as discussões nessa pesquisa.
- 3. Reflexão a partir de diversas leituras sobre o Nordeste** – Passamos a analisar o Nordeste junto ao romance *Homens e Caranguejos*, os vídeos/documentários

4. **Representação realizada pelos estudantes: comparação das vivências do homem com o caranguejo e o tatu** – passamos à análise de *Homens e Caranguejos*, as comparações do ser humano com o caranguejo por Josué de Castro e a feita pelos estudantes do ser humano com os tatus, em seguida à representação do(s) Nordeste(s) construídos no imaginário dos estudantes e das desigualdades nessa região e em Barreiras, por meio de suas percepções, mediando com os temas trabalhados. Representaram através de desenhos como já abordado na 2ª etapa da metodologia, mas também junto à produção escrita como a comparação que fizemos do “*homem caranguejo em Recife para o homem tatu em Barreiras*”. Essa abordagem foi realizada com a produção de textos nos quais os estudantes fizeram um comparativo da vida do caranguejo-homem e do tatu-homem, este último como representação do povo daqui de Barreiras, realidade mais próxima dos estudantes, como foi proposto em aula.
5. **Representação realizada pelos estudantes: a utilização da Literatura de Cordel como proposta para a produção escrita literária dos estudantes** – Propunha aos estudantes uma produção escrita a partir de uma ideia já desenvolvida nas aulas de geografia, que consistiu na criação de poemas de cordel com as temáticas e conteúdos abordados em Geografia escolar. Na verdade lembrei-me da ideia a partir de uma visita que recebemos na escola nesse período de realização da pesquisa, de um cordelista da região. A sugestão foi bem aceita pelos estudantes, pois esse tipo de literatura envolve bastante os mesmos, pela sua caracterização popular, humorística e a representação do mundo vivido. Assim, eles produziram seus próprios livretos de cordel baseados no tema *desigualdades no Nordeste e em Barreiras*.

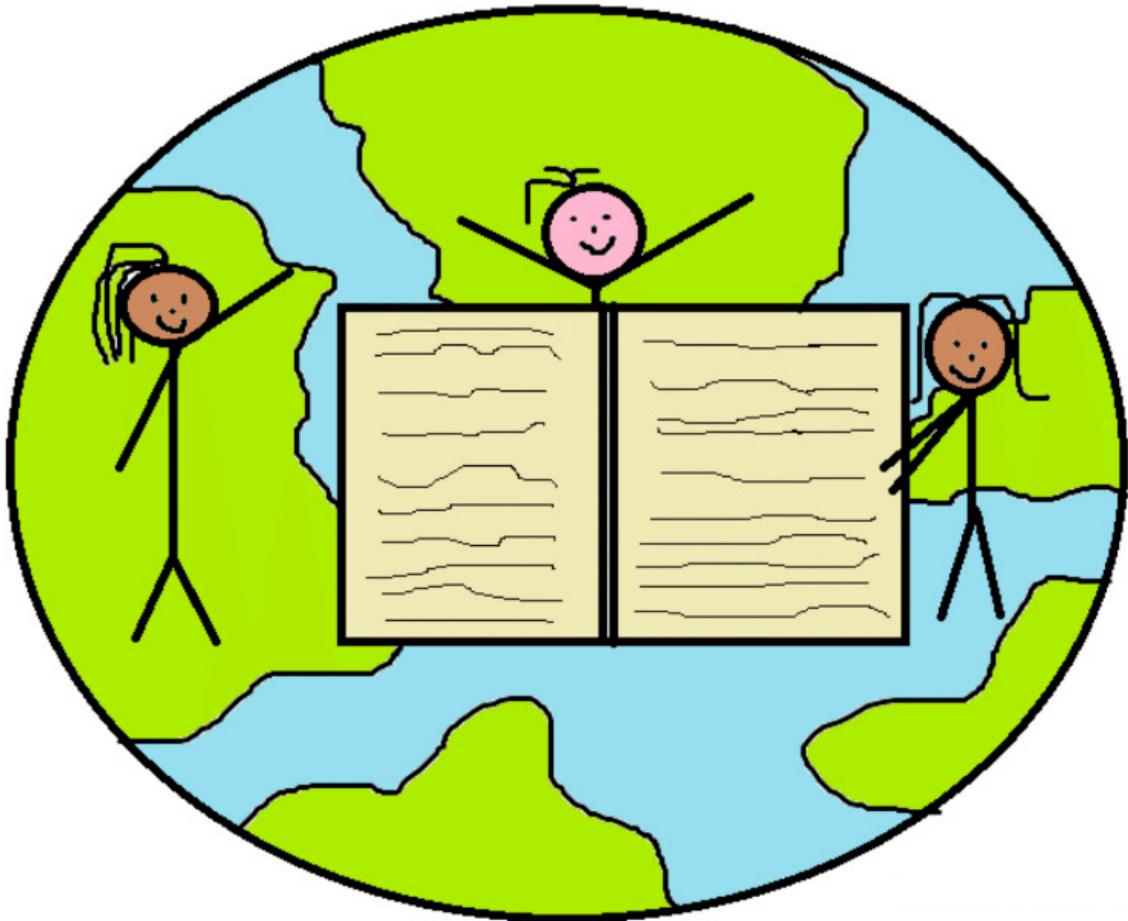
Pelo exposto, traçamos um itinerário metodológico por meio da leitura e da escrita, além da utilização de outras linguagens como o registro em desenhos, a qual para Pontuschka (2009), deve ser dada aos registros gráficos (desenhos) uma maior importância, pois para a autora:

Os desenhos espontâneos, em diferentes faixas etárias e níveis socioeconômico-culturais, possibilitam identificar o desenvolvimento gráfico-espacial dos alunos como uma representação do mundo próximo e conhecer não só suas informações sobre os lugares, mas também seu imaginário sociocultural (PONTUSCHKA, 2009, 293).

Além de atividades que envolveram a oralidade durante os debates nas aulas, exibição de vídeos e documentários sobre o Nordeste e sobre o semiárido, além de músicas, com o propósito de promover a melhoria das aptidões dos estudantes quanto à sua expressão diante dos temas estudados nas aulas, sempre referenciados com suas vivências no cotidiano.

# CAPÍTULO 1

## GEOGRAFIA E LITERATURA



Desenho: Lavínia Macedo, 2014

A Terra era como um livro a decifrar - seja como uma obra a decifrar, eu diria, seja como um romance ou um poema. Porque cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos e “utilitários”, mas também de emoção e sensibilidade.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

## **GEOGRAFIA, EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM: O PAPEL DA LITERATURA PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR**

A Geografia abrange aspectos diversos relacionados ao ser humano, sua interação com o meio em que vive, com os outros homens e mulheres, e com toda a biodiversidade do Planeta. Essa definição do objeto de estudo aparece como simples, porém, devemos considerá-la de maneira que permita desenvolver uma compreensão necessária a toda essa complexidade, principalmente ao relacionarmos o ser humano e o meio e sua vivência em sociedade.

Para Morin (2000), pensar a complexidade significa lançar um desafio à sociedade contemporânea, pois, para ele, é necessária uma reforma do pensamento para que se consiga êxito nessa análise. O desafio está na compreensão do ser humano como *homo complexus* – que em Latim significa “tecido em conjunto” (MORIN, 2000), ou seja, é complexo em si e em suas relações cotidianas, o que traduz a necessidade de compreender a complexidade da existência humana em sua essência, na interação em sociedade e no próprio espaço de vivências; o espaço geográfico que também é complexo como ser humano.

A vida em sociedade permite ao ser humano a oportunidade de se relacionar entre si e com tudo que constitui a biosfera terrestre, e simultaneamente ocupam e transformam o espaço, a partir da sua cultura, suas técnicas e concepções de mundo. Assim, a Geografia acaba por abarcar um objeto de estudo *tecido em conjunto* (MORIN, 2000), a qual abrange, desde a própria sociedade, com suas implicações referentes às relações entre os chamados cidadãos, até ao modo como essa sociedade se apropria do espaço transformando-o segundo suas necessidades ou determinações.

A ciência geográfica procura por meio de seus métodos de estudo levar a uma compreensão o modo como as pessoas vivem, e tenta esclarecer o porquê das divergências, das semelhanças, ou mesmo das combinações ou desordens no modo de viver das sociedades historicamente e espacialmente dinâmicas. As pessoas constroem suas territorialidades através de sua cultura, e é pela cultura que mediam suas relações com o mundo, territorializando-se em modos particulares de acordo com as concepções que constroem (ALMEIDA, 2008).

Quando passamos a analisar o mundo por meio da literatura, significa desvendar a realidade por meio das viagens imaginárias, o que não deixa de ser uma tradução do mundo vivido pelo próprio autor da obra literária.

A possibilidade de uma abordagem mais significativa pela literatura é mais evidente, pois se pretende que a interdisciplinarização Geografia - Literatura permita uma melhor e mais aprofundada compreensão, não somente da interação ser humano - espaço físico, mas, principalmente, a relação do ser humano com o seu espaço de vivência e suas subjetividades atribuídas (ALMEIDA, 2008). Compreendemos bem essa prerrogativa ao

analisarmos Besse (2006, p.89), o qual afirma que *“a Geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebemos antes que ele é o meio do sentido”*. Ou seja, a relação da Geografia com a Literatura possibilita ao leitor um diálogo entre duas maneiras de perceber e explicar a vida com suas inter-relações.

Para que isso ocorra, o professor/pesquisador levará em conta que concepções de mundo possuem os estudantes. Também devem questionar como essas questões subjetivas interferem nas suas análises e também nas dos estudantes. Porém, de acordo com Almeida (2008), deve-se ter certa cautela ao inferir sobre uma determinada pesquisa para não deixar transparecer reflexos de suas ideologias, suas concepções, pois pode valorizar pontos de vistas restritos.

Ainda segundo a autora, a Geografia precisa estar consciente da subjetividade que é inerente ao conhecimento geográfico. Essa subjetividade é imbricada na relação do ser humano ele próprio e com o mundo vivido. Por isso exige análises mais atentas como auxílio de métodos, metodologias humanísticas para abranger toda a complexidade inerente à sua atuação e pesquisas em sala de aula. Partindo dessa premissa, a interação entre Geografia e Literatura abre caminhos para um diálogo mais contundente entre as vivências e representações das narrativas literárias que tratam de maneira mais sensível a Geografia, ou seja, a interação ser humano – espaço – ser humano em seus enredos.

Os enredos literários abordam em suas criações o próprio existir do homem com suas definições e concepções sobre seu modo de vida. O autor Jörn Seemann (2007, p.52), ao citar o geógrafo Eric Dardel em *O Homem e a Terra* (2011), fala dessa intrínseca relação da Geografia com a Literatura, seja ela uma narrativa, poesia ou qualquer outro desenvolvimento literário: *“a poesia e a paisagem formam uma “geograficidade”- expressão cunhada pelo geógrafo francês Eric Dardel - que assinala a relação do homem com a Terra”*.

Para pensar na complexidade que é o homem/mulher e sua relação em sociedade num espaço, pretende-se aqui estabelecer um diálogo, na fenomenologia, o encontro entre a Geografia, a Literatura e Geografia Escolar com o objetivo de transpor as barreiras do entendimento do mundo vivido e a simbiose humana no transcorrer de sua historicidade. Pode parecer inconveniente interagir Geografia com Literatura, pelo fato de relacionar áreas distintas, entretanto, para Lima e Chaveiro *“pressupõe-se que há a possibilidade de um pensamento crítico que respeite a relação entre dois campos do saber sem, no entanto, submetê-los a uma hierarquia em que um venha a perder sua especificidade em favor do outro”* (LIMA e CHAVEIRO, 2014, p. 1).

Os clássicos literários retratam com muita precisão a realidade de diversas sociedades. Essa representação imaginária procura ressaltar detalhes dos modos de vida das pessoas e dos ambientes os quais o autor insere em suas histórias, como bem expõe Gallo e Mandarola Jr.:

Exteriorizar as experiências por meio de uma narrativa literária concebendo personagens e dando forma a espacialidades é uma maneira especial de criar geografias, que revela possíveis faces da existência do e no mundo, mais do que isso é capaz de qualificar as relações estabelecidas entre o sujeito e seu mundo, ao transmitir as experiências de mundo em toda a sua riqueza (GALLO e MANDAROLA JR., 2010, P.5).

Este entendimento parte do princípio de que a Geografia não se resume à descrição da Terra, o Planeta em si, mas a Terra enquanto Espaço Geográfico, habitado e simultaneamente modificado pelo homem/mulher, seu modo de viver, suas culturas em constantes transformações ou adaptações.

A Geografia interligada à Literatura pretende propiciar ao estudante o aprimoramento de suas percepções sobre a Terra, ou melhor, esse Espaço Geográfico, onde estão os seres humanos e toda a sua complexidade (LIMA e CHAVEIRO, 2014, p.2). Complexidade esta demonstrada pela literatura, com toda a sua espontaneidade e capacidade de representação do mundo vivido.

É preciso compreender o modo como se vive e como se estabelecem as relações no espaço de vivências das pessoas. Os problemas sofridos pela maioria da população ou os seus sucessos decorrem dessa dinâmica entre ser humano – ser humano e ser humano - espaço, incluindo aí toda a biodiversidade do nosso Planeta. Já a Geografia procura compreender os condicionantes dessa dinâmica através de categorias de análises que possibilitarão essa compreensão. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) trata dessa questão quando enfatiza que:

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico(...) para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico naturais e as ações antrópicas. (BRASIL, 2017, p.359)

A categoria Território é uma das que permitem uma percepção da caracterização do modo de vida de uma determinada sociedade pelo fato de ser o território *“objeto de operações simbólicas e é nele que os sujeitos projetam suas concepções de mundo”* e também é o território que funciona *“como uma relação entre o homem e a terra e que imprime sua identidade cultural”* (ALMEIDA, 2008).

O modo de vida de um povo permite uma interpretação de sua cultura, das suas territorialidades, das suas identidades, sejam elas construídas socialmente, ou na simbiose com a natureza. Por isso, é imprescindível valorizar os contextos vividos pela sociedade e pela comunidade escolar. .

Quando analisamos a BNCC em competências específicas das Ciências Humanas para o Ensino Fundamental, percebemos também a mesma preocupação, quando é enfatizada a necessidade de se ater à dinâmica que constantemente transforma ou recria novos espaços, novos territórios, novos lugares e novas paisagens. Os estudantes necessitam dessa ligação com o seu existir, com suas concepções de vida e de mundo

para uma aprendizagem pertinente e não algo neutro e insignificante. Vejamos como isso é apresentado:

Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social. (...) Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados. (BRASIL, 2017, p.357)

A partir dessa premissa, pode-se tentar analisar a dinâmica entre ser humano e mundo vivido pelo modo como o mesmo condiciona seu território, seus lugares, suas paisagens e como são definidas suas identidades por meio da cultura construída geohistoricamente por essas pessoas. Bem como a BNCC propõe no ensino e aprendizagem de Geografia Escolar o sujeito e o mundo, os sujeitos e suas representações.

A análise do modo de vida, da experiência vivida e das transformações desenvolvidas por elas no espaço pode servir de base para compreender as suas complexidades e com isso levar o estudante, foco de nossa pesquisa, a compreender os espaços de um modo que valorize a Geografia vivida por eles, sentida em sua intensidade de pertencimento aos lugares, dos espaços e não uma geografia estática, sem vida, desconectada de suas próprias relações e culturas.

A ligação entre Geografia e literatura enfatiza essa possibilidade ao estudante, às pessoas em geral que se permitem adentrar ao mundo dos sentidos, das percepções que lhes são oportunizadas através da leitura, e principalmente da Geografia imbricada na Literatura. Ambas conseguem apresentar, explicar o ser humano e suas interações com os outros, consigo mesmo e com os seus espaços de vivências de maneira completa, ou poderíamos dizer complexa (MORIN, 2000).

A proposta de análise por meio da interação Geografia - Literatura é feita aqui com a intenção de partir de uma visão menos compartimentada, dicotomizada, entre ser humano e meio, entre ser físico e ser psíquico, ser racional e ser emocional, mas principalmente sair das “gavetas” que se propõem para o conhecimento estipulado a partir de lógicas impostas e desconsideradas da realidade vivida pelos estudantes.

A percepção de vida, as diversas vivências, identidades e concepções de mundo, de social e de todos os fatores que devem ser analisados na Geografia, tudo é bem representado de maneira especial na Literatura, por isso a preocupação em abordá-las de maneira interligada no contexto da sociedade contemporânea. Assim, fizemos uma análise mais aprofundada, pois a necessidade de compreensão do complexo mundo em que vivemos exige de nós uma maior capacidade de percepção das coisas, das relações, dos sentimentos, do modo como tudo se dá.

A possibilidade de interação pelo tripé Geografia, Literatura e Geografia Escolar abrange importantes perspectivas quanto à vida dos estudantes em geral. Para as turmas do noturno esse tripé traz maiores oportunidades, pois trata-se de estudantes que já vivem

intensamente as questões de estudo da Geografia Escolar e que por isso “gritam” por significações para os temas estudados pelos mesmos na escola, querem compreender os contextos, os meios, os fins, ou seja, querem saber o porquê de terem que estudar tal conteúdo.

A leitura e a escrita possibilita ao ser humano um relacionamento íntimo com o espaço em que vive e com os outros, de modo que há uma comunicação entre esses que são considerados como principais objetivos de estudo da Ciência Geográfica. Para que essa interação ocorra de maneira exitosa, para fazer o estudante situar sua realidade e expressá-la de forma escrita, e ainda demonstre sua participação de forma crítica e ativa é necessária uma intervenção que promova leituras do mundo que o cerca, numa tentativa de apresentar-lhe os diversos ângulos de seu contexto econômico, social, cultural e político.

A proposta é de uma educação voltada para a investigação e estudo da realidade vivida do educando, para, em vez de somente transmitir conteúdos específicos, despertar para uma nova forma de relação com a experiência vivida (CRUZ, 2012, p.2), na qual o educando parte de sua realidade para compreender o espaço geográfico e, ao mesmo tempo, sua participação como produtor do mesmo, geohistoricamente construído.

Para uma verdadeira compreensão de mundo por meio da educação geográfica, é necessário frisar que, para que os conteúdos da ciência geográfica sejam realmente compreendidos é preciso que sejam considerados de forma crítica, em situações vivenciadas pelos próprios estudantes, uma análise reflexiva de suas experiências vividas.

A capacidade de analisar e perceber o mundo, de uma maneira que permita ao estudante uma visão holística dos lugares que frequenta, das relações estabelecidas em sua ambiência geográfica e poder possibilitar a si próprio uma criticidade que lhe é necessária, pois garante uma identidade própria e ao mesmo tempo se sente pertencente a uma sociedade, um cidadão.

A Literatura em diálogo com a ciência geográfica abarca a possibilidade de contextualizar o modo de vida do estudante com a Geografia Escolar. Isso é importante, pois dá sentido ao seu estudo, ao torná-lo pertinente. Um estudo real, apesar de se tratar do imaginário, mas é um imaginário que representa uma realidade, que nesse momento é analisada pela ótica de um estudante, que faz comparações e ligações com sua própria vivência e com a dos outros. Quando tratamos do imaginário social, na BNCC é enfatizada a importância do ser no mundo:

(...)procura-se expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos. (...) Dessa forma, o estudo da Geografia constitui-se em uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo (...)situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social (...) produtores dessas mesmas sociedades, com sua cultura e suas normas. (BRASIL, 2017, p.364)

Nesse sentido, propomos o diálogo, pois as intencionalidades e as relações do cotidiano desses estudantes desenvolvem-se a partir do imaginário, vindo ainda antes

disso a imaginação. Desse modo, aprende a analisar o espaço geográfico e nele o homem/mulher de maneira mais crítica e compreensiva, seja através do conhecimento científico em si, pelo modo sistematizado, seja através de ações que traçam possibilidades de uma compreensão mais pertinente, mais significativa, que leve em conta o emotivo, os sentimentos dos estudantes.

É interessante também entender que a compreensão de mundo que temos parte do princípio daquilo que consideramos como propósito de vida, ou seja, a análise que fazemos da realidade que nos cerca é mediada pela relação *visão - mundo* que temos, e isso é bem perceptível nos estudantes, principalmente demonstrado no seu modo de lidar com sua própria vida. Sobre essa abordagem, Rocha (2014), quando traz uma reflexão através dos *Saberes de Morin*, trata dos *Buracos da Educação*, os quais se referem, no *primeiro buraco: cegueiras do conhecimento*, ao modo como o construímos, à qual “*devemos nos conscientizar que o conhecimento é uma tradução do que vemos em face de nossa percepção atual*”.

Ao considerar nossa visão frente às realidades, traduzidas pelas concepções de mundo que temos, além de levar em conta outros aspectos, outras percepções, é preciso partir do pressuposto de que, se a construção do conhecimento perpassa pela nossa vivência, experiências vividas, e se essa vivência traduz também àquilo que concebemos como mundo, são necessárias atitudes que visem uma modificação do modo de ver o mundo pelos próprios estudantes.

O mundo imaginado pelos jovens, de significados atribuídos por estes pode parecer aos olhos dos mesmos, diferente do apresentado pela sociedade na qual vivemos. Os jovens procuram compreender a vida de maneira “rebelde”, sem levar em consideração as convenções, as regras, ou mesmo o que é “ditado” pela sociedade à qual pensam fazer parte. Essa visão da sociedade é caracterizada por estereótipos, condicionantes geohistóricos aos que se submetem para uma tentativa de sobrevivência ao sistema.

Quando Seemann (2007) reflete sobre Patativa do Assaré, grande poeta do Sertão nordestino, ele deixa claro a relação que o sujeito tem ao interagir com o seu ambiente, mas de maneira, às vezes transcendente, pois remete a uma análise de tempos, espaços e vivências que se divergem e ao mesmo tempo se convergem na imaginação do Poeta. Para ele, “*a cegueira de Patativa enfatiza a ideia de que a paisagem geográfica é uma interação entre o espaço observado e o estado interior do observador*” (SEEMANN, 2007, p.67). Nesse caso, Patativa, deixa transparecer uma imagem de lugar que é uma mistura do que ele vive ou viveu quando mais jovem, e o que ouve nos *causos* ou reportagens jornalísticas. É bom ressaltar que esse magnífico poeta acaba ficando cego, mas apenas de parte da visão, pois suas percepções de mundo continuam a aflorar em seu criativo mundo imaginativo.

Ao interagir com seu ambiente de convívio, o ser humano, no caso o estudante, precisa desenvolver percepções que lhe assegurem uma visão de mundo mais condizente

com a que vivência, aprendendo a agir de maneira participativa. Portanto, necessita imaginar mundos diferentes, e nesse momento a literatura pode possibilitar essa interação entre o estudante e o seu saber construído, ou mesmo, contradizer aquilo que o mesmo aceita como dogma, mas que não é mais condizente com sua realidade ou seu modo de ver e viver seu mundo.

Para isso, é necessário o desenvolvimento de atividades voltadas para a compreensão da realidade vivida e construção de conhecimentos pautados nas concepções de mundo que é ao mesmo tempo real e também imaginário, e é imprescindível que esse estudante saiba fazer uma leitura dessa realidade e de outras realidades, às vezes imaginárias, mas que os ajude a compreender seu entorno, suas experiências vividas.

A execução de ações que visem à prática da leitura e escrita pelos próprios estudantes no processo de construção de conhecimento, é imprescindível frente a essa tentativa de mudança, visto que é nesse momento que lhes é proporcionada uma oportunidade de interagir com seu contexto de maneira diferenciada, na qual poderá intervir criticamente ao expressar sua opinião a respeito do abordado pelo autor e a ligação que ele mesmo faz com seu cotidiano. Ao considerar essas premissas, Cruz (2012) cita uma abordagem de Paulo Freire: *"Ao entender que o processo para conhecer ocorre quando o indivíduo, ao se reconhecer humano é estimulado a refletir sobre os seus problemas da vida cotidiana, Freire direciona seu trabalho pedagógico aos excluídos das ações políticas"* (CRUZ, 2012, p.7).

Espera-se que seja um dos principais objetivos da disciplina de Geografia a capacidade de despertar no estudante uma análise crítica sobre a sua realidade concreta como cidadãos e não como meros reprodutores de um sistema, então, para uma melhor compreensão da realidade vivida. O ser humano necessita de meios que o possibilitem essa compreensão, e a escola, com o seu papel principal de proporcionar ao estudante a oportunidade de apreensão e desenvolvimento de habilidades e competências diversas, entre elas a de discernir sobre o seu espaço de vivência e as relações desenvolvidas nele, deve primar por ações que permitam ao estudante, aprender a caminhar e decidir por sua própria conta.

Nada mais importante, nesse caso que o bom desenvolvimento da leitura e da escrita por parte desses estudantes. Sobre essa discussão, Freire afirma que:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987, p.38).

Cabe então ao educador em Geografia adotar uma postura reflexiva em sua realidade escolar, na dimensão total e desenvolver atividades que viabilizem o senso crítico dos seus

estudantes, de tal maneira que mesmo quando estiverem diante de situações divergentes ou não às suas vivências, possam perceber e identificar a origem de tais situações, além de poder intervir de maneira coerente com as necessidades atribuídas no contexto das mesmas.

A reflexão crítica aqui atribuída consiste em atitudes diferenciadas em relação ao modo de ver as coisas, como se dão as relações no espaço de vivência, ou como o ser humano se define diante da sociedade, não como pertencente a ela, mas, sobretudo como constituinte de um conjunto de pessoas que se relacionam entre si, seres diferentes, divergentes e geohistoricamente transformadores não só do espaço que habita, mas ao mesmo tempo de suas próprias vivências, culturas, identidades, necessidades, às vezes por resistência ou espontaneidade, mas que precisam ser compreendidas.

Com metodologias que envolvam o uso de obras literárias no estudo da geografia pretende-se possibilitar uma interação interdisciplinar ou transdisciplinar e propor uma oportunidade de melhoria no desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes, além de instigar uma visão de mundo diferenciada, em sua totalidade, não desconectadas do contexto o qual vivem que sejam capazes de compreender por meio da leitura a realidade à qual devem fazer parte enquanto sujeitos conscientes de seus direitos e não somente de seus deveres.

Perez possibilita-nos uma reflexão sobre essa abordagem quando diz que:

A Geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo. Pensar o ensino de Geografia a partir de sua função alfabetizadora é articular a leitura do mundo à leitura da palavra, na perspectiva de uma política cultural – cultura aqui entendida como a relação do ser humano com o seu entorno – que instrumentalize as classes populares a saberem pensar o espaço, para nele se organizarem na luta contra a opressão e a injustiça. (PEREZ, 2005, p.24)

Nessa perspectiva, a prática da leitura facilitará a esses estudantes uma relação mais próxima com as situações que lhes levarão a refletir sobre realidades vividas, tanto por eles próprios, quanto por outras pessoas, mesmo que em outros momentos da história, mas que promova uma sensibilização no pensar desses estudantes, referente ao seu modo de ler o mundo em que vive.

A prática da escrita desenvolvida nesse contexto também é muito importante porque consiste na possibilidade de sair do costume de apenas ver como os outros abordam determinado contexto, e passarem eles mesmos a expressar seu ponto de vista sobre o que está sendo abordado, além de poder interligar com suas vivências junto ao estudo das temáticas geográficas.

Para frisar essa importância, o mesmo autor afirma que:

Do ponto de vista da Geografia, podemos dizer que ler o mundo é ler o espaço, construção social e histórica da ação humana. Como instância da sociedade, o espaço é o objeto da Geografia; disciplina que o analisa, o interpreta e o explica, como resultante da economia, da política e da cultura. Assim, ler o mundo é estudar a sociedade; é estudar o processo de humanização do ser humano a partir do “território usado”. É o uso

Assim, enquanto a educação tradicional estabelece caminhos, onde os estudantes são levados a uma acumulação de conteúdos sem significância para sua vida, e que não lhes permitem compreender as situações que acontecem em seu cotidiano, além de, na maioria dos casos, os estudantes perpassarem por esses conteúdos de forma superficial e acrítica, somente pelo fato de não compreenderem a essência do mesmo, ou seja, uma leitura insuficiente desses assuntos por dificuldades na sua prática da leitura e escrita.

Ainda segundo Mészáros (2008, p.9), *“a educação não é um negócio, é uma criação. Que a educação não deve servir para o mercado, mas para a vida”*. Trata-se de desenvolver momentos de aprendizagens que garantam a construção de conhecimentos necessários para a própria vivência da pessoa humana, no nosso caso os jovens e adultos da EJA que procuram a todo o tempo explicações para suas indagações a respeito de situações vivenciadas por eles nos seus contextos de vivência.

O mercado de trabalho é algo já experimentado, vivido por esses estudantes, porém, antes mesmo deles estarem inseridos no mercado de trabalho eles estão “inseridos” no cotidiano, nas experiências vividas corpo a corpo com os problemas dos espaços urbanos: sociais, econômicos, políticos e culturais. Por isso a urgência, nesse caso, ou no sistema educacional como um todo não é “preparar para o futuro”, mas sim torná-los aptos a enfrentar o hoje, o agora, para que possam chegar ao futuro, pois muitos não conseguem. Se tratarmos de grandes centros urbanos como exemplo, nos quais a população em sua maioria não consegue sobreviver ao sistema excludente, selecionador, e nesse sistema está incluída a escola.

Na realidade escolar já é imprescindível ao professor referenciar-se ao que o estudante já tem de conhecimento e saberes. Geralmente, esses estudantes são sujeitos e a valorização dos conhecimentos prévios dos mesmos é salutar. Alguns dos casos apresentam idade que não condiz com a faixa etária do ensino escolar regular, porém, com necessidades de aprimoramento do conhecimento que já possuem e de construir novos conhecimentos junto à comunidade escolar.

Eles são pais e mães de família que vão à escola em busca de melhoria de vida, em busca de uma qualificação em suas habilidades para o trabalho, porém, temos nessas turmas pessoas já numa faixa de idade mais especial, os idosos que se dedicam à vida escolar com o intuito de se alegrar, viver novas experiências na velhice. Por isso é tão importante o cuidado com os estudantes em geral, e nesse caso, os da EJA.

A valorização dos sentimentos, dos pertencimentos, das sensibilidades, da cor, da modelagem dos espaços geográficos, como enfatiza Dardel (2011) é muito importante para esses estudantes, sem nos esquecer dos jovens ansiosos por significações para tudo, pois questionam, indagam as coisas de maneira rebelde, mas que nada mais querem que compreender os contextos, as explicações do mundo que vivem e do que veem os

outros viverem.

Assim, a ênfase do ensino de Geografia aliado à Literatura, oportuniza melhor aprendizado por parte dos estudantes da EJA, uma compreensão de suas experiências de vida, suas indagações, que passam a ser percebidas de maneira mais consistente. A existência deve ser o ponto de partida para a construção de conhecimento. Ainda segundo Dardel, *“o mundo é antes o mundo da existência antes de ser aquele que antecedemos pela operação representativa do conhecimento”* (DARDEL, 2011, p.115).

Dessa maneira, é importante parar e refletir sobre todo o processo de ensino e aprendizagem, especificamente no ensino de Geografia, com o intuito de conseguir melhores resultados no que diz respeito à formação humana crítica para compreensão da realidade e a transformação para um mundo melhor e mais justo, inclusive, poder fazer referência ao próprio processo de construção do conhecimento desses estudantes em sua habilitação para enxergar o que realmente deve ser percebido por eles.

A análise de Martins sobre a leitura nas turmas de EJA traz uma reafirmação da importância dessa prática para esses estudantes:

Principalmente no momento hodierno, no qual é preciso saber acessar as informações que possibilitem as tomadas de decisão para uma escolha consciente sobre as questões presentes em nosso cotidiano. A participação, enquanto cidadão depende da compreensão do mundo atual onde o conhecimento e a leitura são instrumentos fundamentais. (MARTINS, 2006, p.42)

A partir dessa premissa, podemos inferir a importância de interagir na produção do conhecimento geográfico com atividades que envolvam a prática da leitura de textos literários que possibilitem uma abertura de visão desses estudantes para a realidade que o cerca e na qual estão inseridos enquanto seres ativos e participantes e que aprendam por meio dessa mudança de mundo a se expressarem por meio da escrita ou mesmo de desenhos capacitados por práticas coerentes em sala nas aulas de Geografia.

A abordagem por meio dos textos literários oferecerá ao estudante a demonstração de sua realidade e do enredo criado pelo autor, no qual podem estar representados o seu cotidiano, e mesmo que somente uma criação fictícia, mas que acaba por levá-lo a uma relação real - imaginário.

Quando o estudante fica a par dos acontecimentos narrados pelo autor do texto literário, ele pode estabelecer uma ponte de compreensão entre as suas vivências e as narrações literárias, pois a leitura oportuniza esse momento. Essa relação entre esses dois campos do saber direciona o estudante à formação de um pensamento crítico, sem hierarquizar nenhum dos dois campos, Geografia e Literatura (LIMA e CHAVEIRO, 2014, p.1).

Num dos *devaneios* de Bachelard em *A poética do Espaço*, ele diz: *“abrangemos assim no universo de nossos desenhos vividos. Esses desenhos não precisam ser exatos. Basta que sejam tonalizados no mesmo modo do nosso espaço interior. (...) O espaço*

*convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha”* (BACHELARD, 1988, p. 31). Nessa análise podemos perceber a importância da imaginação para o mundo vivido, ou seja, a importância de nos aliarmos ao imaginário literário, aos grandes “narradores” e “tradutores” das nossas vivências dos nossos modos de vida, para juntos, Geografia, Geografia Escolar e Literatura podermos transpassar as barreiras que impedem a construção de um conhecimento sólido e condizente com a necessidade de cada estudante.

## **JOSUÉ DE CASTRO NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA ESCOLAR**

A construção do conhecimento em Geografia Escolar traz à luz as discussões sobre a questão do método de ensino e aprendizagem, que passa por diversos questionamentos referentes ao modo como se dá o processo de construção do conhecimento, no que tange a essa ciência no ambiente escolar.

Assim, trata-se de adentrar nessa discussão e traçar outros rumos em direção a uma possibilidade mais abrangente, em relação aos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem no âmbito da Geografia Escolar, de maneira mais significativa e relevante, principalmente tendo como referência o estudante em si, com suas vivências, experiências de vida, ou seja, o mundo vivido ao qual este estudante faz parte.

O conhecimento geográfico contempla áreas de saberes diversos, porém, enfrenta dificuldades quando o estudo em questão é a apreensão de conceitos, que muitas vezes são estabelecidos sem conexão com a realidade do estudante, e por isso estes não conseguem criar relação entre o saber e o fazer. Dessa maneira, o processo de construção do conhecimento se dificulta em torno dos conceitos, ou, na maioria das vezes, a não interpretação de contextos, os quais são realidades dos próprios estudantes, porém, estes não conseguem vislumbrar essa ligação, e por isso sentem dificuldades.

A Geografia Escolar consiste em uma produção social (KIMURA, 2011), e por esse motivo deve ser levada em conta a realidade a qual os estudantes fazem parte e suas interações sociais, de maneira que estes possam reagir frente às situações enfrentadas pelos mesmos, independente da sua posição econômica, social, política e cultural.

E é nessa atribuição de cunho social que se estabelece uma relação intrínseca entre a Geografia Escolar e Josué de Castro, médico e geógrafo brasileiro, pois traça em sua trajetória de vida uma árdua luta social muito imbricada nas questões de estudo da Geografia, a preocupação com o ser humano em sua relação íntima consigo mesmo, as relações sociais e as consequências da desigualdade para a população menos favorecida.

Antes de adentrar na questão Josué de Castro – Geografia é importante conhecer um pouco sobre esse ser humano, o qual tomou por sua principal bandeira a defesa em favor dos oprimidos pelo sofrimento da pobreza e da fome, causados pelo desfavorecimento de um sistema econômico baseado no lucro de poucos, sobre a miséria de uma maioria

absoluta.

Josué de Castro vivenciou desde sua infância a tristeza e o sofrimento da fome (CARDOSO, 2009), não de forma tão intensa como narrado pelo mesmo, mas vivenciou, e por isso destaca em toda a sua obra a preocupação com a “*grande força modeladora do comportamento moral de todos os homens (...) a própria fome modelando com suas despóticas mãos de ferro, os heróis do maior drama da humanidade – o drama da fome*” (CASTRO, 2003, p.5).

A relação de Josué de Castro com a Geografia tem relação com o método utilizado por Castro em suas pesquisas e estudos realizados pelo autor e pesquisador. Com o objetivo principal de encontrar uma explicação para o problema da fome no nosso país, e no mundo, além de procurar a partir do diagnóstico feito pelo também médico e geógrafo, uma solução para a questão aqui citada como prioritária para Josué de Castro, a fome. O método utilizado por ele fundamenta-se integralmente na ciência geográfica, pois, Josué de Castro “*entende o método geográfico como um método de síntese de diversos conhecimentos, sejam eles naturais ou humanos, que ocorrem sobre a superfície da Terra*” (ALVES, 2007, p.6), e assim passa a se tornar um recurso importantíssimo no processo de ensino e aprendizagem em Geografia Escolar, principalmente no contexto do desenvolvimento bem definido por Castro em *Homens e Caranguejo*:

Estruturas que persistem no Nordeste do Brasil, lado a lado, sem se fundirem sem se integrarem até hoje no mesmo tipo de civilização. (...) é uma sociedade imprensada entre estas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas duas outras, ocorre como uma lama social (...) (CASTRO, 2003).

É nessa análise que se estabelece também uma relação entre a obra de Josué de Castro e a construção do conhecimento em Geografia Escolar, a qual perpassa temas voltados para uma abordagem do social e do cotidiano, tratados de maneira explícita pelo autor em sua obra *Homens e Caranguejos*. A interação entre o conhecimento escolar e o romance em questão, nos permite abrir um horizonte frente ao modo como se trabalha com os conhecimentos geográficos na sala de aula.

Trata-se de uma mudança de metodologia no sentido da busca por melhorias no ensino e na aprendizagem, ou seja, no processo de construção de conhecimento em geografia, pois, como já ressaltado anteriormente, a relação do modo de vida, as vivências e os significados do cotidiano dos estudantes pouco tem sido considerado, por isso a necessidade de uma ressignificação dos conceitos e temas de estudo da Geografia.

A educadora Maria Inês Carvalho (1998) questiona a respeito de quais “*lemas*” a educação contemporânea possui. “*Preparar bons cidadãos para preservar valores sociais ou preparar um rebelde cidadão para transformar a sociedade?*” (CARVALHO, 1998). Percebe-se, então, a importância da utilização das obras de Josué de Castro na construção de conhecimento em Geografia Escolar, na tentativa de levar os estudantes ao encontro com seus anseios, suas dúvidas e problemas vivenciados cotidianamente, para que possam

questioná-los com habilidade reflexiva. Cardoso (2009) enfatiza a importância da obra de Castro quando fala que: “*Castro mistura suas próprias memórias aos personagens como meio de contar a história do homem sertanejo, do campo e do operário urbano excluído, transformados em homens caranguejo*” (CARDOSO, 2009, p. 86).

É importante refletir sobre como geralmente olhamos as coisas, as paisagens, as pessoas. Uma análise um tanto quanto superficial e sem nenhum sentimento, sem percepção do íntimo, da essência, pois o olhar humano, na maioria das vezes não aparenta ser “humano”, e assim passamos a “não enxergar” as coisas como elas realmente são, enxergamos suas máscaras, suas atuações e não suas verdadeiras faces diante de nossas vistas. Bachelard “*pede ao leitor de poemas que não encare a imagem como um objeto, muito menos como um substituto do objeto, mas que capte sua realidade específica*” (BACHELARD, 1988, p.4), e essa é a possibilidade que temos diante de qualquer obra literária, como a de Castro, que com consegue com sua escrita, denunciar e apelar pela gente do Sertão, do Mangue, de Barreiras e de todos os brasileiros, ou seja, “*desmascarar as lâminas que sangram toda essa gente*” (CARDOSO, 2009, p.92).

Quando analisamos a partir desse princípio, percebe-se que a dificuldade está em enxergar as coisas do jeito que não queremos enxergar, e por isso passamos a vê-las deturpadas, mascaradas. Josué de Castro vê a necessidade de acabar com a fome, pois essa assola, corrói, destrói o ser humano sem que a enxerguemos. Sua arte literária faz com que o estudante ao lê-lo perceba-se num mundo descortinado, possibilitando-lhe outra visão da realidade que o cerca.

Melo Filho, em *Mangue, Homens e Caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias* (2003) reflete sobre a mesma questão ao analisar a obra de Castro: “*a exclusão social, hipertrofiando a parte (caranguejo), reforçou a sinédoque: os habitantes do mangue foram desumanizados e transformados em caranguejos*” (MELO e FILHO, 2003, p.518). Essa percepção é possível pela leitura da obra de Josué de Castro, pois este desde o início procura não somente mostrar a raiz do problema, mas, mostra o caminho para superá-lo, e isso deve ser debatido junto aos estudantes, e dessa maneira, compreender as questões do cotidiano e buscar meios de resolução dos problemas, uma saída da “lama do mangue”.

A posição da obra literária, especificamente a de Josué de Castro, possibilita ao estudante uma interação mais aprofundada com o saber geográfico. Isso se dá de maneira essencial pela capacidade que ambas, Geografia e Literatura têm em interpretar a vida humana na Terra, e descrevê-la. Besse (2006) pelo lado da Geografia traz uma reflexão a respeito dessa questão ao afirmar que “*(...) se a geografia como realidade é escritura, a geografia como saber deverá ser leitura*” (BESSE, 2006, p. 94), ou seja, descreve a relação íntima do ser humano com seu espaço de vivência, assim como o transforma em saber, em conhecimento, como faz muito bem a Literatura, especificamente Josué de Castro na obra *Homens e Caranguejos*.

A afirmação de Melo Filho (2003) reforça a importância de trabalhar com Josué de Castro na escola e no processo de ensino e aprendizagem, pois demonstra não só sua capacidade em relacionar os problemas da sociedade em suas obras literárias, como também sua preocupação em compreender o problema da fome por meio de três perspectivas principais: a científica, *“onde explicou a origem do mal que aflige humanidade”*, a pedagógica, na qual *“se dedicou a formar gerações de estudantes, principalmente na Geografia”*, e na política por onde procurou *“denunciar as precárias condições de vida da imensa população que habita o Planeta Terra e planejou e executou ações”* para amenizar o sofrimento produzido pela fome em suas múltiplas faces. (MELO FILHO, 2003, p.510)

A partir disso tem-se uma ideia da ligação entre Josué de Castro e o conhecimento em Geografia Escolar, com possibilidades de inserção do estudante no mundo da leitura, do conhecimento vivido, ou seja, ao mundo da Geografia, como diria Gallo e Mandarola Jr., *“as narrativas literárias traçam possíveis geografias, instigando, convidando a uma reflexão das formas de ser-e-estar no mundo, com uma postura mais sensível e aberta”* (GALLO e MANDAROLA JR., 2010, p.2).

A possibilidade de diálogo entre a Geografia Escolar e a sensibilidade de Castro é grande, pois a necessidade que a Geografia Escolar tem de compreensão do mundo, das pessoas, dos sentimentos, da relação dos seres humanos com seu espaço de vivência, a Literatura de Castro consegue desenvolver, ela oportuniza isso aos estudantes, aos seus leitores, assim como a Literatura em geral. Essa possibilidade é pertinente ao que desenvolveremos no próximo capítulo, o qual tratará do estudante e as considerações que tem a respeito do mundo que vive e do que imagina viver.

# CAPÍTULO 2

## IMAGEM, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DO(S) NORDESTE(S) EM SALA DE AULA



Desenhos: estudantes da EJA, 2014

*(...) Depois que o podê celeste  
Manda chuva no nordeste,  
De onde a terra se veste  
E corre água em brobutão  
A mata com o seu verdume  
As fulô com o seu perfume,  
Se enfeita de vagalume  
Nas noites de escuridão.*

(Poema de Patativa do Assaré *citado por* SEEMANN, Jörn. **Geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará)**. Revista eletrônica: Ateliê Geográfico – UFG – IESA. v. 1, n. 1. Goiânia, 2007)

## NORDESTE(S)

Considerada por muitos como a região mais pobre, mais seca e mais subdesenvolvida do Brasil, o Nordeste passa a fazer parte de diversos contextos que abrangem desde o imaginário popular, imaginário construído principalmente a partir de grupos hegemônicos, os quais definem a região de maneira que lhes possibilite tirar vantagens sobre os problemas da população dessa área, regionalismos em que predominam um Nordeste caracterizado pela seca, a migração do povo sertanejo que foge do sofrimento e parte em busca de melhoria de vida.

Para Castro (2003) há várias imagens de Nordeste, representadas principalmente em suas narrações em *Homens e Caranguejos*, romance que narra, além das criações imaginárias de Josué de Castro, as geograficidades (DARDEL, 2011) da gente dessa região, tão diversificada geograficamente. Castro consegue demonstrar um Nordeste com riquezas, possibilidades de melhoria de vida para o nordestino, mas também denuncia a pobreza, um Nordeste explorado, sofrido tanto pela seca como pela maldade do sistema produtivo vigente no país que enriquece poucos em detrimento da dor e do suor de muitos.

Assim, são criadas imagens de um Nordeste, no qual há uma exacerbação e generalização em relação aos seus aspectos naturais e também à incapacidade de força e de superação pelo seu povo. O que fica como imagem de Nordeste é o que predomina no imaginário das pessoas, dos estudantes, que tem a oportunidade, em muitas das vezes, de somente conhecer esse Nordeste generalizado nos livros didáticos, nas incoerentes aulas de Geografia.

Aqueles que têm contato com informações mais aprofundadas, mais condizentes com a realidade de toda a região, a sua diversidade cultural, social, econômica e política, além de suas caracterizações geográficas, conseguem compreender que há outros nordestes

além desse estereotipado pela incoerente desinformação propagada principalmente pela mídia, mas também pela própria escola manipulada pelo Estado.

Este(s) Nordeste(s) estão atribuídos a essa diferenciação cultural, permeada, em muitas das vezes pelo imaginário, um Nordeste que em sua maioria é estereotipado, construído historicamente e criado erroneamente a partir de uma imagem de homem nordestino sofredor com a seca, a pobreza, ou apresentado como o “preguiçoso”, o “bruto”, o “rude ou Jeca”. Enquanto isso, ainda existe um Nordeste que possui características diversas e que não é muito divulgado pelos meios de comunicação, ou pela própria escola ou livro didático, pois não se tem interesse nele, simplesmente desconsideram esse Nordeste.

Pelas representações espaciais percebe-se o Nordeste mais divulgado, muitas das vezes construído pela própria vivência desse povo, Nordeste este caracterizado pelo sofrimento que existe há muito tempo e que muito pouco foi ou é feito, a não ser políticas de cunho eleitoral, como os programas *Fome Zero* e o da *Transposição do Rio São Francisco*, ambos criados pelo Governo Federal, mas, como já sabemos não sai do papel, senão para gastar o dinheiro público com obras superfaturadas e nada feito a favor da população necessitada da benfeitoria. Sobre esse assunto, percebe-se sua veracidade a partir da análise da discussão de Casimiro (2014):

Embora os dados sobre a fome no Brasil não sejam precisos, uns falam em torno de 50 milhões (Mapa do Fim da Fome no Brasil - Fundação Getúlio Vargas), outros em torno de 34 milhões (dados do IBGE) ou ainda dados do governo que apontam para um número em torno de 24 a 26 milhões (Programa Fome Zero), o que importa é que a fome é uma realidade no Brasil, e independentemente da quantidade de pessoas que passam fome, este é um direito fundamental de toda pessoa humana e precisa ser combatido urgentemente, pois na sua esteira todos os demais direitos também são violados. (CASIMIRO, 2014)

Assim, as pessoas passam a viver segundo suas necessidades e anseios, lutando para sobreviver às custas de muito sofrimento e desassossego de vida, pois procuram estar sempre em busca de dignidade, ou pelo menos segurança alimentar para si próprio e para sua família. Nesse contexto, apresentam por meio de suas manifestações culturais a imagem que cada povo possui sobre suas territorialidades, vivências, identidades, mas principalmente o seu imaginário.

A partir do campo das representações, percebemos o quão criativo e rico é o imaginário do povo brasileiro, e essa demonstração independe de classe econômica, pois, do mais rico ao mais pobre nota-se uma grande riqueza cultural construída historicamente pelas sociedades, mediadas pelas relações sociais, no tempo e no espaço. As experiências vividas de cada ser humano podem ser reveladas por seu modo de ver as coisas, o mundo que o cerca, seu modo de viver e de se relacionar com os outros seres humanos geohistoricamente.

Na literatura e na arte é ainda mais aflorada a percepção do lugar e das identidades,

e por isso é demonstrada com uma relevância maior a “imagem de Nordeste” que se tem, sendo esse o ponto principal de nossa análise, porém, em lugares diferentes, são construídas imagens e identidades diferentes, já que essas imagens e esses imaginários existem através de uma memória que se estabelece por meio das percepções que temos dos mundos vividos (BACHELARD, 1988).

Essa diferenciação se dá também pelas características de cada povo e suas territorialidades no Brasil como um todo, pois cada território permite ao ser humano construção de identidades cotidianamente por meio das relações desenvolvidas no seu espaço de vivências, seu modo de vida e suas perspectivas de mundo.

Ao analisar a situação do homem/mulher em relação ao mundo, o geógrafo Werther Holzer (1997) considera uma diferenciação quanto aos termos *Mundo e Espaço*. Essa diferenciação feita por Holzer atribui às geografidades (DARDEL, 2011) uma ligação intrínseca do ser humano com o mundo e não com o espaço, já que para esse autor há uma “*relação de ser-no-mundo e não de ser-no-espaço*” (HOLZER, 1997, p.80), em que a essência do estar-no-mundo permite uma relação íntima, de pertencimento, mas também de significados, de social, no qual o ser humano atribui simbologias, cultura e ao mesmo tempo também lhe é atribuída uma memória desse mundo o qual vive e se relaciona essencialmente, o mundo que antes de tudo deve ser sentido (BESSE, 2006).

As relações transcorrentes no tempo e no espaço nordestino possibilita uma explicação a respeito dessas territorialidades e da formação das identidades do povo dessa região, pois a condição histórica as quais estão imbricadas tais identidades abrem caminho para a reflexão de tal situação ou seu estado identitário. Ainda segundo a professora Maria Geralda de Almeida (2014), as identidades se misturam de tal forma nessa região, porém não se pode pensar numa homogeneidade. Para a autora “*as identidades se imbricam, se mesclam e apresentam dinamicidade, o que não permitiria, também, referir-se a uma identidade cultural e territorial unívoca para o sertanejo*” (ALMEIDA, 2008, p.317).

Uma população que sofre cotidianamente com o descaso por parte das autoridades responsáveis pela tomada de atitude em relação à melhoria de vida da população em geral. Assim, se define uma imagem de Nordeste com o uso da terra baseado na criação do gado como alternativa de desenvolvimento da região, onde a maioria da população pobre se vê obrigada a se submeter a condições de trabalho pesado, como as “*lidas de arranca de tocos*” para o plantio de “*pasto*”, serviços de quilômetros e quilômetros de *cerca*, entre outros serviços pesados, bem vivenciados pela minha família nas fazendas que meu pai trabalhou durante toda a minha infância e adolescência, assim como meus irmãos e minha mãe, que carrega em seus dedos pra sempre as marcas dos “*cortes de capim*”, o qual fazia para ajudar meu pai na luta pela sobrevivência.

Esse foi por muito tempo, e ainda é o cotidiano de muitos nordestinos, seja vivendo nas fazendas de gado, o “*vaqueiro do sertão*”, sujeitos ao modo “bruto” da “*roça*”, imagem amplamente divulgada principalmente nos livros didáticos escolares, seja nas cidades,

muitas vezes sujeitos a qualquer emprego que encontrar para conseguir o “*feijão e o arroz*” de cada dia, como ouvi meu pai e minha mãe dizer já aqui em Barreiras, depois do despejo da fazenda na qual trabalhavam, sem nenhuma garantia de direitos trabalhistas.

O Nordeste pra muita gente se resume ao povo pobre do sertão que sofre com a seca, como consequência tendo que migrar sazonalmente para outras regiões do Brasil, ou se submetendo a serviços exploratórios ou em regime de escravidão, com famílias inteiras presas a empregos por “*contrato de fachada*”, sujeitos a todo tipo de exploração e suborno, como narrado pela literatura. Porém, essa mesma literatura também deve se orgulhar de fazer conhecer os sertões ou os nordestes de povo forte e que luta sempre às custas do seu próprio esforço e pelo jeito que podem.

A vasta obra que abarca as questões *Nordeste, Seca e Sertão* procura demonstrar o quão diverso é esse Nordeste, ou seja, procura demonstrar os nordestes culturais, sociais, políticos e econômicos através das narrações literárias diversificadas como o Nordeste a que atribuem, por exemplo *Homens e Caranguejos*, Josué de Castro (1967), *Os Sertões*, Euclides da Cunha (1902), entre outros que abordam muito geograficamente o nordestino.

O(s) Nordeste(s) aos quais aqui nos referimos diz respeito às imagens de Nordeste formalizadas pelos diferentes territórios desenvolvidos nos diversos espaços geográficos dessa região. Assim também afirma Cardoso (2014) ao dizer que:

A região sertaneja nordestina se configura como um lócus prenhe de significações e visões que perpassam diversos campos como literatura, imprensa, ciência e senso comum, significações estas sempre permeadas pela aura criada historicamente em torno desta região interiorana onde se desenvolveu uma economia essencialmente pastoril (CARDOSO 2014, p.2).

Quando a análise é feita a partir da questão econômica, já é percebida nitidamente a diferenciação entre os espaços e seus referidos territórios de identidade que constituem a região. Pela posição de Manuel Correia de Andrade em *A Terra e o Homem do Nordeste* (1964), a região é conceituada “*ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia dúzia em detrimento da maioria da população; ora como área essencialmente subdesenvolvida devido à baixa renda per capita dos seus habitantes*” (ANDRADE, 1964).

Na análise de Andrade, apesar de ter havido muitas mudanças em suas caracterizações e na dinâmica da região Nordeste, que mudou bastante durante a passagem desses últimos séculos, porém, devemos ressaltar que a observação de Andrade ainda demonstra o modo como se dá a maior parte das relações de vivência e de trabalho desse povo também representado por Castro em *Homens e Caranguejos*.

A região Oeste da Bahia consiste em diferenciado território quanto aos demais territórios nordestinos. As possibilidades atribuídas pela própria natureza permitem a essa região uma caracterização diferente das demais áreas nordestinas. Porém a mesma sofre com problemas como os definidos por Castro em *Geografia da Fome* (1984), no qual enfatiza que o problema da fome, da miséria desse povo não é a superpopulação, mas

o latifundiário predominante nestas áreas (CASTRO, 1984), assim como acontece em Barreiras e nos demais municípios dessa região, e que o drama da seca ou da pobreza, no caso do Oeste baiano só se desenvolve com o sofrimento tão denunciado por Castro por causa das relações que se estabelecem na região do Sertão, ou no Oeste com disponibilidade de terras cultiváveis e água em abundância.

Nessas áreas, habitam populações com formas de identidades que revelam o modo de vida do ser humano com a terra, como singularidades e simbologias dessa sociedade no tempo e no espaço e traduz as geografias dessa gente por meio de sua cultura, representadas também no próprio espaço de vivência, o espaço geográfico com sua cor, modelagem e densidade diferenciada (DARDEL, 2011, p.2).

Como já analisado, esses são Nordeste dicotomizados, não como tem sido feito com a Geografia Humana e a Geografia Física, mas sim pelas próprias características geográfico-físicas, pelo fato de apresentarem ao mesmo tempo, na mesma região, uma grande variedade de atributos geossistêmicos, com domínios de Cerrado, Caatinga e as conhecidas Áreas de Transição, como classificadas por Ab' Sáber (2003), com forte histórico de ocupação não planejada e grande deterioração dos recursos, principalmente para a atividade do pastoreio como enfatiza o mesmo autor.

Ao analisar a obra e a contribuição do médico e também geógrafo Josué de Castro, Tayguara Torres Cardoso (2014) enfatiza que as ideias do célebre geógrafo:

(...) contribuem para a construção de uma visão que valoriza a terra sertaneja, o aproximando das visões perpetradas pela literatura que, embora não esquecesse dos problemas sertanejos, procuravam evidenciar a "riqueza" de sua terra e sua gente - obscurecidas pelas iniquidades sociais vigentes - e que dá maior peso à questão da reforma agrária e da fixação do homem à terra sertaneja, sendo avesso a ideia de pobreza inexorável, superpovoamento e de pouca potencialidade dos sertões nordestinos. (CARDOSO, 2014, p.11)

Assim, independentemente da imagem que se cria a respeito do Nordeste, devemos pensar, assim como Castro, em mostrar as verdadeiras "caras" do Nordeste com seus problemas, com suas virtudes, suas potencialidades e possibilidades. Se preocupar com os problemas da população, com a fome, com a educação, considerada a de menor qualidade do país, e com todos os benefícios que cabem a essa gente por direito. Muitas vezes fica somente a imagem negativa de lugares pobres, de gente pobre e sofredora como demonstrado pelos estudantes em seus desenhos no próximo capítulo.

## **O IMAGINÁRIO DOS ESTUDANTES DE BARREIRAS-BA SOBRE O NORDESTE**

A literatura tem seu importante papel de transcender o tempo e o espaço e lançar suas contribuições de um modo muito condizente com a realidade vivida de um modo particular. Quando Serpa (2014) aponta a importância do imaginário para a construção do conhecimento geográfico, ele percebe que é a partir do mundo imaginado que se supõe

uma ligação com o mundo vivido. Paulo Freire já dizia que “*a leitura do mundo antecede a leitura da palavra*”, Serpa diz que:

É necessário, pois, pensar o futuro sob outras bases, o que pressupõe ainda o deslocamento de nossas preocupações analíticas da esfera de reprodução da vida cotidiana, onde as imagens poéticas podem aflorar, por exemplo, nas relações entre seres humanos e os lugares onde habitam e vivem seu cotidiano, aparentemente banal e corriqueiro (SERPA, 2014, p.64).

Ao relacionar o espaço vivido com o imaginário do povo, fica evidente a ligação do ser humano com suas representações espaciais, bem definidas pelo seu relacionamento com os territórios, os quais constrói durante toda a sua vida. O ser humano possui com grande intensidade, uma interação com a Terra, como uma espécie de cumplicidade entre ambos (DARDEL, 2011), e essa relação imamente desenvolvida, como reflete o geógrafo Eric Dardel, possibilita-nos compreender também que o ser humano, além de ser físico e biológico, ele é um ser cultural, imbricado de simbologias, imaginários, construções que não são abarcadas apenas pelas caracterizações concretamente explicadas.

Ainda segundo Serpa (2014), para o homem:

Imaginar é abstrair a realidade para a ela voltar após o sonho. Sonhar uma nova realidade além do presente e do passado requer também coragem para imaginar um outro mundo, outros modos de vida possíveis, para além da sociedade do consumo e da mercadoria (SERPA, 2014, p.65).

Essa reflexão apontada por Serpa nos faz até compreender melhor a criatividade imaginativa e as várias imagens que as pessoas criam sobre o Nordeste que se apresenta a cada uma dessas pessoas segundo suas vivências e concepções de mundo.

Assim, os estudantes de Barreiras-BA, se apresentam aqui como pessoas com imaginário como o refletido anteriormente. Um imaginário, algumas vezes reflexivo, sobre a vida que leva, mas na maioria das vezes, uma visão construída pela presença da mídia como um todo, que desvincula a imagem do Nordeste diverso e cheio de possibilidades de vivência digna, passando a contribuir de forma significativa para criar no imaginário popular um Nordeste ou Nordeste caracterizados por apenas poucos fatores de análise, a seca junto com a pobreza, sempre por traz de todo o povo nordestino.

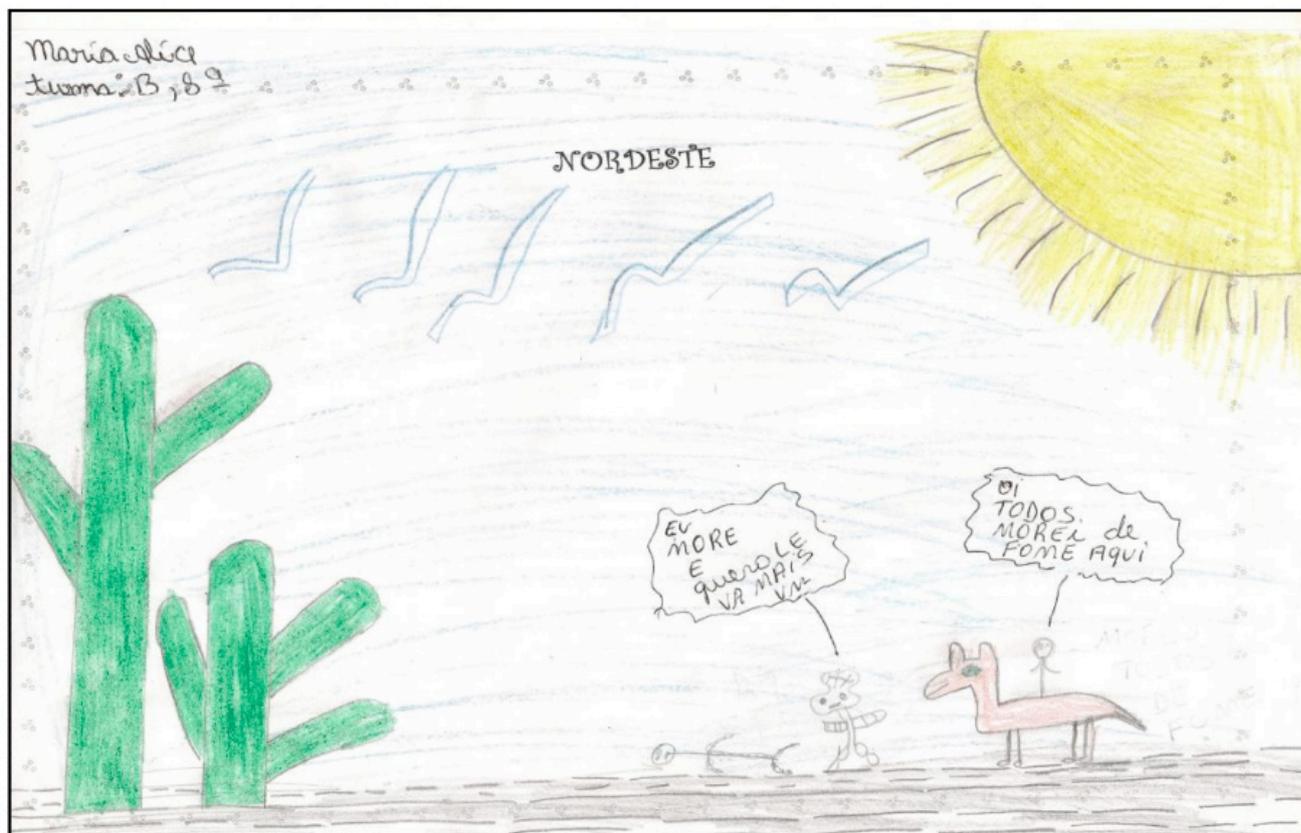
A problematização da questão Nordeste junto aos estudantes em questão teve início com a leitura da obra *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, mostrando um pouco na literatura romanesca um dos Nordeste a ser analisado pelos estudantes. A obra de Castro contribui bastante para a interação dos estudantes com as temáticas nas aulas de Geografia, pois enfatiza bem a relação do ser humano com o espaço em si. O mangue representado pelo autor representa também diversos outros espaços do nosso país, e deixa clara a percepção que se constrói sobre os espaços e as relações sociais desenvolvidas neles. Isso fica nítido na afirmação de Melo Filho (2003), ao dizer que:

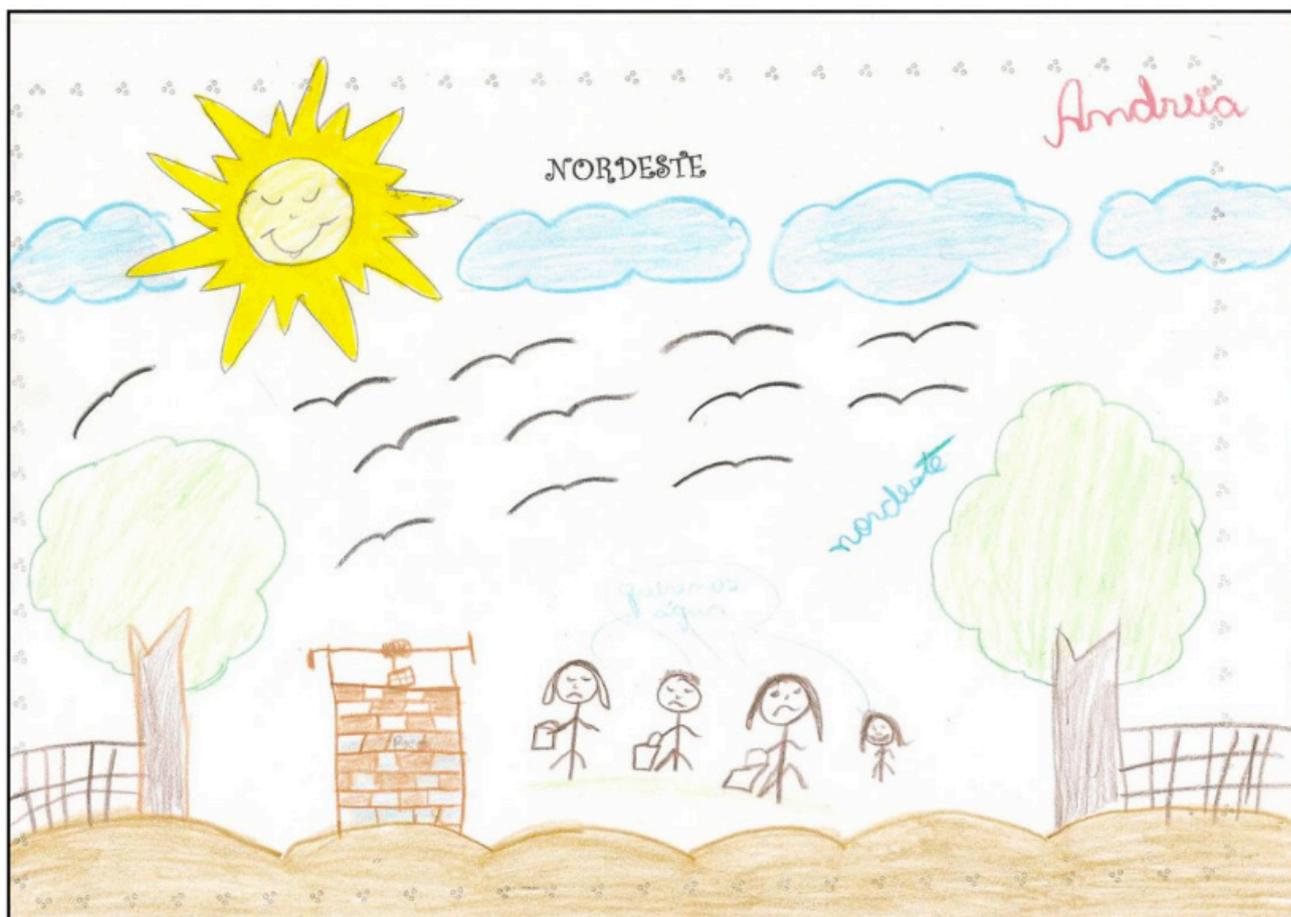
Esses sentimentos negativos em relação aos mangues, cultivados pelos colonizadores, deixaram marcas que até hoje persistem no imaginário social do recifense (...) sinônimo

de zona de prostituição, é lugar a ser poluído pelo lixo urbano, além de constituir espaço potencialmente a ser aterrado sob os olhos da especulação imobiliária (MELO FILHO, 2003, p.506).

A mistura entre realidade e ficção em *Homens e Caranguejos* parece bem distante da realidade vivida pelos estudantes daqui de Barreiras, que também é Nordeste, mas, um dos Nordeste os quais enfatizamos. É importante para esses estudantes perceber as relações que permeiam a desigualdade entre essas personagens narradas pelo autor do romance, e, ao mesmo tempo façam uma ligação entre as relações desenvolvidas no seu próprio espaço, análises do real pelo imaginário e também pelo pensamento reflexivo. Assim, perceber as teias traçadas geohistoricamente, seja de desigualdades, pobreza ou exploração social e econômica, como muito bem expressa na narração *Homens e Caranguejos*.

Essa percepção permitiu aos estudantes uma reflexão a respeito da visão que eles têm do Nordeste, a que é geralmente construída no seu imaginário pela mídia, por algumas músicas, ou mesmo pela própria escola, a qual aborda de maneira superficial ou estereotipada (figuras 2 e 3). Mas é preciso enxergar as realidades de todos os nordestes.





Figuras 2 e 3. Imagem e imaginário de Nordeste

Desenhos: Representados por estudantes da Eja, 8º e 9º anos

O projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Barreiras, voltado para o tema *Cultura e identidade*, além de tentar levar os estudantes a conhecerem o Nordeste, procurou, por meio de ações desenvolvidas nas escolas municipais, valorizar e resgatar as raízes culturais afro-brasileira, africana e indígena com temáticas que abordaram eixos orientados previamente pela SME, os quais se referem a temas diversos sobre direitos humanos, infância e adolescência, entre outros, mas o que devemos considerar aqui é o eixo Educação para a convivência com o semiárido.

Os objetivos desse eixo temático é incentivar os estudantes a reconhecerem as potencialidades do semiárido como tentativa de melhorar as condições de vida da população dessa área ao valorizar todos os elementos que compõe o local de vivência. Com esse projeto pretendeu “*desconstruir os preconceitos que margeiam o imaginário nacional*” (SME-BARREIRAS, 2013). Porém, não souberam trabalhar junto a esse imaginário, reforçando, em vez de desconstruir, os preconceitos relacionados ao Nordeste.

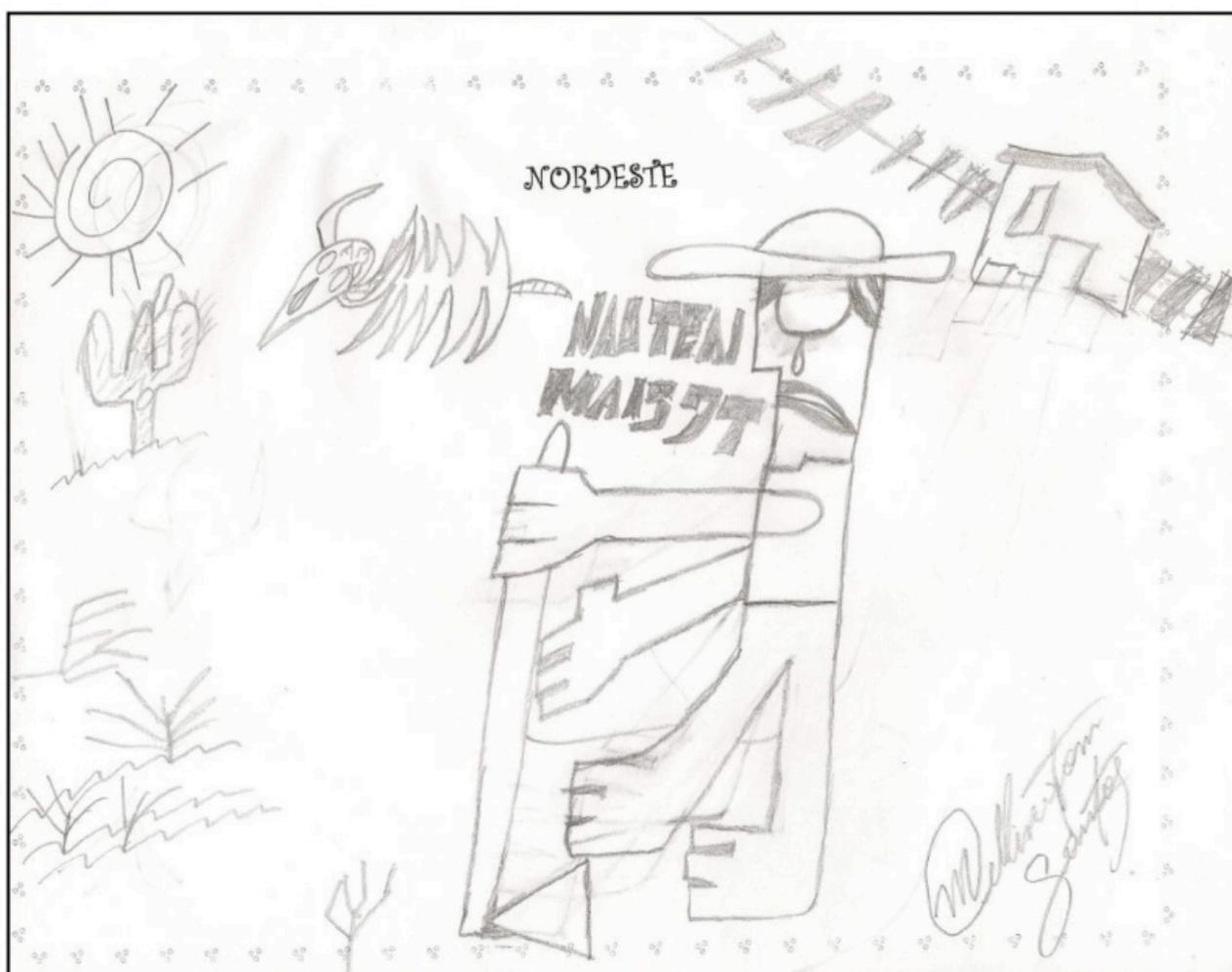
A temática em si não é o problema, porém, o que ocorreu na maioria das escolas do município foi uma generalização da região do semiárido nordestino, como se todo o Nordeste fosse constituído pelo sertão da seca, da pobreza e do sofrimento do homem sertanejo e, além disso, a conceituação equivocada de semiárido por parte das escolas,

nas aulas não só de Geografia, pois o projeto deveria ser interdisciplinarizado por todas as disciplinas do currículo escolar municipal, segundo a SME.

Assim, o que se observou foi o que já discutimos anteriormente sobre a conceituação de nordeste que se propaga, mesmo na escola. Quanto à função da escola enquanto formadora de conceitos, esta acaba por se contrapor em relação a sua verdadeira função, que consiste em possibilitar, através de diversos momentos de aprendizagem, a construção de conhecimentos pertinentes ao cotidiano e as necessidades dos estudantes, mas acima de tudo, ensiná-los a serem críticos diante de todas as situações que se desenvolvem nas relações cotidianas.

O estudante acrítico toma por verdade absoluta aquilo que lhe é apresentado em todo lugar, o que a escola o faz compreender, para ele é sempre o correto. É esse o ponto a se pensar. Como abordar conceitos ou qualquer outro assunto na escola? Depende da maneira como são construídos os conceitos e como são aprendidos pelos estudantes.

A partir disso, analisaremos como desenvolve também o imaginário dos estudantes sobre o Nordeste (Figuras 4 e 5).





Figuras 4 e 5. Imagem e imaginário de Nordeste

Desenhos: Representados por estudantes da Eja, 8º e 9º anos

A representação de Nordeste demonstrada no desenho dos estudantes é caracterizada, tanto pela imagem generalizada repassada historicamente pela mídia, mas principalmente pela própria escola, por exemplo, por meio do ensino de Geografia. O sistema educacional no qual perpassam essas questões permite à sociedade atuações que resultam em um ensino medíocre, que não leva em conta a realidade dos estudantes, suas necessidades cotidianas, tendo como base para o ensino público metas como o famoso IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), no qual o valor mínimo é o máximo a ser alcançado pelas escolas públicas brasileiras. Essa consideração explica um pouco do quanto à educação no Brasil se resume em apenas ensinar, e nisso não se inclui ensinar com qualidade, apenas em quantidade.

Por isso a necessidade de cuidado ao analisar tais dados, pois estamos diante de estatísticas que não condizem com a realidade, já que esses em sua maioria são mascarados, como feito nas escolas que focam no conteúdo abordado para a prova com os estudantes, especificamente em períodos próximos a *Provinha Brasil*, por exemplo, diante da realidade precária da maioria das escolas públicas do Brasil. Para atender às exigências do sistema educacional e alcançar o índice mínimo do IDEB, acaba por desconsiderar até mesmo seu

verdadeiro papel, o de formar seres humanos capazes de lidar com a vida e seus desafios cotidianos, em vez de mostrar as estatísticas de um possível pequeno avanço educacional.

Assim, a partir dessas questões problemáticas da educação no Brasil, emergem situações diversas como representadas pelo imaginário dos estudantes, determinado em parte por essa deficiência na educação brasileira. A leitura de *Homens e Caranguejos* pode possibilitar uma interação do estudante com os saberes pertinentes, e assim relacionar o cotidiano do estudante com o estudo feito por eles nas aulas. Isso em parte contribui para a mitigação das deficiências no âmbito do ensino desconectado com o seu dia a dia, melhorando também sua perspectiva sobre a escola e a necessidade de estudar, mesmo em idades já consideradas atrasadas.

O projeto proposto pela SME ( Secretaria Municipal de Educação) não levou em conta que os estudantes de Barreiras não vivem no semiárido, mas, em sua maioria, no Cerrado, mesmo que saibam que o Nordeste também faz parte de seus saberes pertinentes, de seu dia a dia. Quando os estudantes assistiram ao *Documentário Retratos da Seca* (2014), muitos ficaram abismados com o sofrimento do povo do Semiárido Nordestino. Alguns acharam estranho aquilo tudo estar acontecendo aqui próximo deles, no Nordeste ao qual fazem parte. O debate foi iniciado e puderam questionar, indagar sobre a real existência da fome, sobre a existência de regiões tão secas como as mostradas no documentário, e então passamos também a analisar o Nordeste a partir da obra de Josué de Castro *Homens e Caranguejos*.

Os desenhos demonstrados acima (figuras 4 e 5) foram produzidos antes da exibição do documentário. Alguns estudantes da turma tiveram dificuldades de apreensão do que se tratava o Nordeste, o qual foi solicitado que registrassem na folha. Divergiram quanto às caracterizações e passaram a discutir entre eles a respeito da temática durante a atividade. Alguns estudantes falaram sobre o Nordeste ao qual fazemos parte, que era um lugar muito pobre e seco, mas outros discordaram quanto à pobreza e à seca e acabaram desenhando as imagens que acharam pertinentes (figuras 6 e 7). Porém, a maioria acabou caracterizando, por meio do desenho, o Nordeste geralmente representado pelo imaginário brasileiro. Entretanto, nota-se uma predominância de estereótipos: Nordeste seco, Caatinga e Rural.



Figuras 6 e 7. Imagem e imaginário de Nordeste

Desenhos: Representados por estudantes da Eja, 8º e 9º anos

A caracterização feita pelos estudantes demonstra uma relação muito próxima dos desenhos, porém, alguns representam mais profundamente a seca, o sofrimento do povo nordestino. Todos os registros feitos dão conta dessa caracterização. O desenho feito pelo estudante Hércules (Figura 7) apresenta características mais diferenciadas quanto à imagem de um Nordeste castigado pela seca.

É por meio da imagem e imaginário de Nordeste construídos geohistoricamente que são planejadas ações voltadas para a *indústria da seca*, ao se apropriar dessa questão e se imbuir de iludir o povo com promessas e programas de resolução de problemas dessa região.

É necessário que estes estudantes percebam a desigualdade, a pobreza e a exploração por meio da leitura de obras como a de Josué de Castro, entre tantas outras. O poeta cordelista Manoel Gomes de Barros propõe em seus versos a seguinte reflexão para os estudantes:

Santo Deus! Quantas misérias  
Contaminam nossa terra!  
No Brasil ataca a seca  
Na Europa assola a guerra  
A Europa ainda diz  
O governo do país  
Trabalha para o nosso bem  
O nosso em vez de nos dar  
Manda logo nos tomar  
O pouco que ainda se tem. (BARROS, 2014 p.6)

O trabalho didático e pedagógico com essas obras literárias facilitou a compreensão do estudo pela Geografia junto aos estudantes, em um processo de construção de conhecimentos pertinentes e imbricados em suas realidades. Os estudantes tiveram a possibilidade, a partir de análises como a desse poema de cordel, de desenvolver criticidade e poder agir de maneira diferenciada frente aos desafios que desencadearem no seu cotidiano.

É interessante a perspectiva de análise em questão, pois se pressupõe que levar em conta a imaginação dos estudantes é partir de uma abstração, porém, devemos compreender que é desse ponto de partida que entenderemos o íntimo desses estudantes, e assim, passaremos ao sensível, ao simbólico dessas pessoas, seres humanos físicos, biológicos e psíquicos simultaneamente.

O educador, historiador e antropólogo Sebastião Rocha, o Tião Rocha, defende bem a bandeira da “educação além da escola”, do sensível, do cultural, em vez de conteúdos estipulados pelo sistema curricular, sem pertinência com a vida do estudante. Em uma entrevista ao Programa da Tv Cultura, Roda Viva, ele deixa claro a relação que deve existir

entre educador-estudante-escola, ou seja, uma relação de aprendizagem comutativa e não uma relação unilateral, e o pior de tudo, a “escolarização” em vez de educação. (RODA VIVA, 2007)

Quando trata da questão cultural, Rocha critica o fato de não se dar importância à construção do conhecimento por meio da cultura de identidades, das imagens e imaginação. Em um trecho da entrevista é narrado no Programa Roda Viva um fato a respeito de Tião Rocha que caracteriza bem essa relação feita pelo mesmo. Trata-se de uma atitude da professora que ao contar uma história sobre reis e rainha na aula foi interrompida várias vezes pelo “menino Tião” até ao ponto de leva-lo à diretoria. No entanto, o mesmo tentava dizer que ele tinha uma tia que era rainha, porém a professora desconsiderou esse fato e reprimiu o estudante. Na verdade ele realmente tinha uma tia rainha, pois se tratava de uma rainha do *Congado* (dança folclórica de origem africana), e no imaginário de Tião era como na história que a professora contara. (RODA VIVA, 2007)

Esse exemplo nos remete à ideia de escola para a vida e não para o “enquadramento” ao modelo condicionado do sistema produtivo ao qual estamos assujeitados (CASTANHO, 2009). Pensar na educação além da escola é pensar no imaginário, na sensibilidade desses estudantes.

O momento de discussão em aula durante a exibição do Documentário “*Retratos da Seca*” possibilitou aos estudantes ampliarem as suas informações sobre o Nordeste, sobretudo, com o semiárido brasileiro. Com isso puderam fazer correlação com o mundo vivido. Expressaram suas vivências ao longo dos seus itinerários de vida, por meio dos desenhos, dos textos e dos poemas de cordel que produziram, os quais serão mostrados mais adiante.

Cabe ressaltar também que aqueles estudantes, como o Sr. Erenilton, sua mulher e seu filho, todos na mesma turma, os quais já conviveram em áreas mais secas, como Irecê, Muquém do São Francisco, ambos no Sertão da Bahia, contaram histórias sobre a vida na seca, já outros estudantes, que não tinham tido a experiência da seca, observaram e analisaram tudo aquilo, em seguida passaram a fazer comparações entre os nordestes estudados e o nordeste construído no imaginário. Essas análises são demonstradas pelos desenhos e pelos textos produzidos, além das discussões em aula.

O professor Ângelo Serpa contribui para essa reflexão ao analisar que:

Se os espaços de representação contêm os espaços percebidos e vividos dos diferentes grupos e classes sociais, é certo que eles contêm e expressam também as lutas e os conflitos dos diferentes grupos e classes pelo domínio das estratégias de concepção desses espaços (SERPA, 2007, p.176).

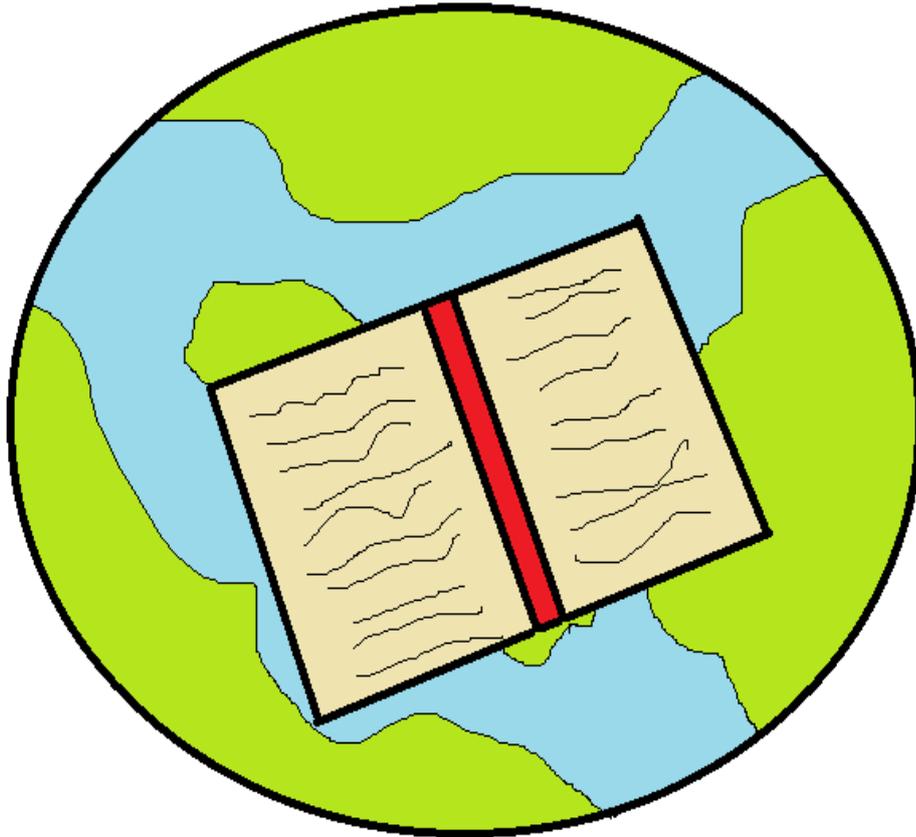
Essa assertiva nos traz uma ideia de que mesmo que alguns desses estudantes não tiveram o contato direto com a seca, como referenciado por alguns nas aulas, mas de alguma maneira eles percebem a relação do drama da fome, da violência, ou seja, dos diversos problemas que assolam a população mais carente, e eles estão incluídos nessa

população, por isso sentem-se não na seca, mas no drama sofrido igualmente pelo povo desfavorecido.

No próximo capítulo passamos à análise dos textos representativos dos estudantes, nos quais demonstram suas percepções de Nordeste, de seca, de Barreiras, seu lugar, seu território e os significados e pertencimentos que têm desses espaços geográficos, além das análises feitas por eles sobre os problemas e desafios da região e do seu município, da luta do seu povo pela sobrevivência e pela dignidade que lhe de direito.

# CAPÍTULO 3

## A ESCRITA E A LEITURA NA INTERFACE GEOGRAFIA ESCOLAR E LITERATURA



Desenho: Lavínia Macedo, 2014

A Geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na própria paisagem, a própria concepção de homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

### OUTRA LEITURA E OUTRA ESCRITA: DE HOMENS E CARANGUEJOS EM RECIFE PARA HOMENS E TATUS EM BARREIRAS

A partir da obra *Homens e Caranguejos*, podemos fazer uma relação quanto aos modos de vida da população de Recife e do povo do Nordeste, trazendo para o município

de Barreiras, seu povo, a vida dos estudantes da Eja e todos os aspectos abordados nessa pesquisa.

Assim, passamos a refletir sobre o modo de vida do povo nordestino, mas aqui em Barreiras, no Oeste da Bahia, no domínio da Caatinga e também no domínio do Cerrado, ou em áreas chamadas por Ab' Sáber (2003) de *Áreas de Transição*, onde o animal comparado ao ser humano não é o caranguejo do mangue de Pernambuco e sim um animal mais comum ao ambiente do Cerrado ou da Caatinga. No nosso caso escolhemos o *tatu*, espécie que ocorre nos dois biomas e é reconhecido pelos estudantes, que passaram a fazer a comparação com o modo de vida, as situações precárias da população, ou seja, as caracterizações das vivências da gente daqui de Barreiras ou do lugar de onde migraram. O estudante Wélliton Santos faz a seguinte reflexão a respeito dessa relação:

As pessoas vão para outros lugar para sobreviver da fome. Eles foi para morar perto do mangue e as pessoas foram a caçar caranguejos, ele faz negócio com a carne do caranguejo. As pessoas sobrevive do crustáceo muito utilizado nas receitas tradicionais. O caranguejo é ameaçado de extinção. O homem eles imitam o tatu. Cava debaixo da terra, o tatu peba, tatu bola trabalha igual os humanos e também cava para sobreviver de caça.

(Texto produzido por Wellintom Santos, do estágio V da Eja, 8º e 9º anos, 2014)

A comparação construída pelo estudante permitiu-nos uma análise da discussão sobre a questão do ser humano em sua relação com o espaço de vivências, e a necessidade de sobrevivência do mesmo por meio do seu esforço e persistência diante das situações de desigualdade sociais as quais são submetidos, como o esforço pelo trabalho cansativo, às vezes desgastante, desumano, no caso das famílias que vivem no lixão de Barreiras, realidade vivida há muito tempo por pessoas que não tem opção de melhora de vida.

O cantor Chico Science, junto ao movimento *Caranguejo com cérebro*, realizado na comunidade do mangue em Pernambuco, um trabalho considerado pela população do mangue de Recife, uma continuação do de Josué de Castro, procura atender aos anseios da população dessa área, os excluídos da sociedade pernambucana, na tentativa de sobressair à pobreza e falta de políticas públicas direcionadas a resolver os problemas do local. A música de Science chama a atenção para a questão com a sensibilidade própria da arte. Vejamos:

Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça  
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça  
Peguei um balaio fui na feira roubar tomate e cebola  
la passando uma véia e pegou a minha cenoura  
“Aê minha véia deixa a cenoura aqui  
Com a barriga vazia eu não consigo dormir”  
E com o bucho mais cheio comecei a pensar  
Que eu me organizando posso desorganizar  
Que eu desorganizando posso me organizar

A determinação narrada na letra da música de Science revigora a autoestima da gente do mangue e, ao mesmo tempo os considera capaz de transformação. É o papel da arte, da literatura, da música, entre outros meios que possibilitam essa “saída da lama”.

Ao comparar o homem ao caranguejo Josué de Castro pretende, além de denunciar a dura vida do povo da região, excluído dos demais seres humanos, ou com a sociedade em si. Como afirma Melo Filho “*o homem-caranguejo encontra-se mergulhado na particularidade ou vida cotidiana, comprometido fundamentalmente com a conservação/reprodução de sua vida, não mantendo uma relação consciente com a genericidade*” (MELO FILHO, 2003, p.514), ou seja, não se considera inserido no seio da sociedade, restando-lhe apenas a opção “lutar pra não morrer”.

O homem foge da fome do nordeste seco e procura sobrevivência no mangue “*o paraíso*”, como afirma Zé Luís, pai de João Paulo, principal personagem do romance *Homens e Caranguejos*. Essa é a visão de um homem sofrido que perde até o filho pra fome e a seca e acaba se agarrando com as forças que ainda possui, a vida no mangue paraíso de Zé Luís e do caranguejo que, segundo Castro:

Se enterra na lama misturada com urina, excrementos e outros resíduos que a maré traz. (...) O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela (...), por outro lado, o povo vive de pegar caranguejo (...) e com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e do corpo de seus filhos. (CASTRO, 2003, p.8)

Assim, a representação feita pelos estudantes pretendeu mostrar toda a sensibilização que Castro retratou nas páginas de *Homens e Caranguejos*, de maneira a trazer à tona os sentimentos dos mesmos através da leitura do romance (figura 8).

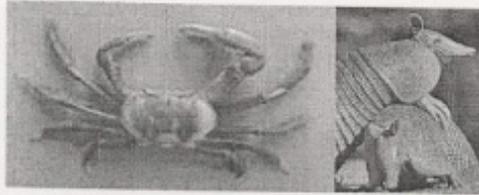


Figura 8. Comparação: homens e caranguejos – homens e tatus  
Desenhos: Representado pelo estudante Wellintom Santos

Ao observar o desenho feito pelo estudante, percebe-se a sensibilidade do mesmo em retratar a realidade da seca, com o sol como dominador de tudo, sobressai ao desenho, enquanto nota-se na expressão do homem, ao mesmo tempo semblantes de raiva, alegria e tristeza, nítidas nos três signos de homem registradas no desenho.

Nessa etapa da pesquisa, procuramos juntos pensar num animal da Caatinga, do Cerrado (Figura 9), na tentativa de aproximar a interação dos estudantes com o comparativo, como feito em *Homens e Caranguejos*. Mesmo que não deva ser levada em consideração a caça ao tatu, como feita com o caranguejo, apesar dessa ainda ser realizada de maneira criminosa na região, inclusive, essa foi uma das questões discutidas entre os estudantes, a extinção do animal por causa da caça predatória.

Data: 25/06



### HOMENS E CARANGUEJOS – HOMENS E TATUS

Homem Caranguejos	O Homem tatu
É aqueles homens que	É, comparado
vivem em mangue	como o porco
A procura de sobrevivência	o tatu pela
São aquele porco que	aquela porca que
não tem uma boa	Sobrevive com pouco
Educação para ter	dinheiro compra
Muita coisa trabalhosa	comidas simples
Então vive dentro das	feijão, Arroz, farinha
lanças dos mangue	e de vez em quando
As vendas traz	um pedacinho de
Muita porcaria para	comer o tatu real
os mangue, onde	é aquele porco
Os Caranguejos se	que tem mais um
Alimentam dos que	condições de se proteger
porcaria e vivem como	O tatu verdadeiro
Boncos nas patas	É rico no porco
nas garras escuras	o que quer comida
da. Homem comem	das lias só vive
os Caranguejos tem	tranquilo nas
missam-vigando	escuras pra ninguém
Caranguejo também	lhe perturbar.

Figura 9. Comparação: Homens e Caranguejos - Homens e Tatus

Texto produzido pelo estudante Ereniltom Oliveira Silva

Na verdade, isso também se tornou uma de nossas comparações com o homem e o tatu, pois pensamos nessa questão como o sofrimento do homem em sobreviver, lutar pela vida, pela terra, por sua moradia, comida entre outros comparativos traçados em aula.

Como mostra a comparação feita pelo estudante Sr. Ereniltom, no qual ele apresenta as características dos tatus, segundo a sua espécie (figura 9). Os tatus *Peba*, *Bola* e o *Verdadeiro* representam as classes sociais e suas respectivas caracterizações, bem nítidas na relação com as necessidades e possibilidades de vivência de cada um deles.

A partir da comparação feita por meio do romance *Homens e Caranguejos*, pode-se fazer uma análise das condições de vida da população de Barreiras, onde a maioria das pessoas vive sob condições precárias, como a precariedade, demonstrada no romance, e presenciada na nossa própria cidade, Dessa maneira, foi enfatizado pelos estudantes durante as discussões em aula as desigualdades pelas quais essas pessoas passam.

Em Barreiras recentemente foi manchete de um dos jornais que circulam na região, o jornal “*São Francisco*”, no qual um artigo trouxe como discussão a questão da desnutrição (a fome tão denunciada por Josué de Castro). O jornal estampava a seguinte manchete: “*Um Oeste de desnutridos? Dados do Hospital do Oeste (HO) apontam que mais de 60% dos pacientes que dão entrada na instituição sofre com algum tipo de desnutrição*” (STEFFENS, Jornal São Francisco, 2012).

Ainda segundo o Jornal, a questão da miserabilidade que tem nesse artigo a questão da desnutrição como foco principal, no qual utilizam o IBRANUTRI (Inquérito Brasileiro de Avaliação Nutricional Hospitalar) que constatou um percentual de 48,1% de pacientes internados no país com grau de desnutrição, desses, a maioria ocorre nas regiões Norte e Nordeste, já na região Oeste da Bahia, dos 60% dos pacientes com quadro de desnutrição, 12% apresentam gravidade e 30% a 35% considerado leve ou moderado. Sendo que a cada duas pessoas que chegam ao hospital, uma está desnutrida. (STEFFENS, Jornal São Francisco, 2012).

A reportagem do jornal *São Francisco* apresenta o que Castro procurou mostrar em sua vasta obra sobre o problema da fome. Um mal que agride constantemente as pessoas no mundo todo, mas que na maioria das sociedades é tido como algo a ser ocultado, talvez para continuar com as máscaras que omitem a realidade vivida pela a maioria da população, e assim como Barreiras, não mostrar as mazelas de todos os tipos de desigualdades, como as representadas pelos estudantes com a comparação entre o homem e o caranguejo e o homem e o tatu.

## **REPRESENTAÇÕES NAS DIVERSAS LINGUAGENS DOS ESTUDANTES: AS DESIGUALDADES NO NORDESTE E EM BARREIRAS**

Durante as discussões em aula os estudantes tiveram a oportunidade de perceber de maneira diferente a questão da desigualdade, tanto no Brasil, quanto no Nordeste e principalmente em Barreiras. Os estudantes passaram a debater e analisar sobre a temática abordada a partir das leituras feitas sobre o tema, a obra *Homens e Caranguejos*, os vídeos sobre o Nordeste exibidos e analisados nas aulas pelos estudantes, pois saíram da análise simplista e passaram a analisar sua condição de vida, sua cidade, sua região além das “imagens” que possuíam sobre a mesma.

Nessa etapa da pesquisa propomos a utilização de algumas atividades, entre elas utilizamos a produção escrita como metodologia para os estudantes realizarem as produções textuais, mas de maneira diferente das famosas redações, com temas propostos e os estudantes “sem ideia” do que escreverem, pois não visualizam a conexão com suas vivências. Assim, os estudantes puderam expressar suas manifestações a respeito da abordagem, mas com maior espontaneidade, vontade de participar da atividade, motivados

pelo fato deles mesmos serem os autores das obras de Cordel. Percebe-se uma maior disponibilidade em desenvolver as atividades e uma facilidade quanto à produção escrita, sem aquele drama da “falta de ideias” de que os estudantes geralmente reclamam no momento que lhe solicitam uma produção de texto.

Para Pontuschka *et al* (2009) a partir do momento em que a Geografia Escolar busca compreender em seus conhecimentos geohistoricamente transformados, a relação entre a sociedade e a natureza, ela teve que aprender a trilhar por caminhos diversos e adotar procedimentos de outras ciências para análise e entendimento da produção do espaço e das representações nele por essas sociedades (PONTUSCHKA *et al*, 2009, p.216). Assim, a utilização de linguagens diversas como instrumentos metodológicos nas aulas de Geografia é salutar para uma aprendizagem significativa se tomarmos como referência a complexidade dessa área do conhecimento.

Nessa pesquisa utilizamos de diversos instrumentos metodológicos, como a realização de atividades por meio da escrita poética, registros em desenhos, debates orais e discussões além de produção de textos com enfoque comparativo e analítico, todos tendo como objetivo a construção de conhecimentos pertinentes, e que representem bem as necessidades e as possibilidades dos estudantes. Nesse sentido, passamos a outra etapa, na qual utilizamos a linguagem escrita poética, além ainda dos registros em desenhos feitos pelos próprios estudantes.

A produção escrita é imprescindível para a formação crítica e a formação social dos estudantes, principalmente estudantes da EJA. Esses estudantes possuem uma importante experiência de vida, que, ao ser considerada pelo educador, os valoriza e motiva a sua expressão, a sua participação nas atividades da escola, pois eles se sentem importantes, úteis e agem ativamente no processo de construção de conhecimento e dessa maneira deixam de ser apáticos, acríticos. Para Lana de Souza Cavalcanti “*em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, (...) vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido (...)*” (CAVALCANTI, 2002, p. 33), ou seja, seu conhecimento empírico, vivido, é pertinente em relação ao ensino escolar e por isso precisa ser utilizado.

A produção escrita é uma ação metodológica importante a ser utilizada se considerarmos a necessidade de expressão por parte dos estudantes, que precisam desenvolver habilidades expressivas, tanto da escrita quanto da oralidade. A produção escrita precisa ser motivada mediante recursos e ações metodológicas diversas, entre elas, a criação de seus próprios textos literários, que no caso dessa pesquisa utilizamos a produção por eles mesmos de livretos de cordel com as temáticas estudadas nas aulas de Geografia.

Ao estudar os conceitos geográficos como *desigualdades sociais, econômicas*, entre outras temáticas da Geografia, puderam relacioná-las à abordagem literária de Josué de Castro em *Homens e Caranguejos*, além de outras leituras realizadas nas aulas como

poemas de cordel, textos que tratam da temática estudada a exemplo de uma interrupção feita por um *cordelista* de Barreiras, Zeca Pereira, autor de *Literatura de Cordel*, além de poemas românticos que tratam da realidade vivida e do jeito de ser do povo nordestino.

Em uma das aulas, discutíamos a temática *Homens e Caranguejos*, quando o cordelista barreirense apareceu pra divulgar seu trabalho. Então, aproveitamos o momento para interligar ainda mais a literatura com a Geografia, trazendo para a pesquisa a produção literária por parte dos estudantes em vez da produção de textos simples. Nisso trouxemos os versos de cordel para a discussão sobre o(s) nordeste(s). Abordamos as consequências das desigualdades em Barreiras.

Na verdade, já havíamos trabalhado com o Cordel nas aulas de Geografia antes desse acontecimento, em estudos anteriores sobre as temáticas: *trabalho, emprego/desemprego*, entre outros. Assim, achamos pertinente a utilização do mesmo como recurso para a produção escrita dos estudantes referente às discussões sobre os estudos desenvolvidos nas aulas, ou seja, uma maneira de demonstrar a expressão escrita por meio da própria literatura, no caso a *Literatura de Cordel*, que não se estende tanto na escrita, mas que consegue expressar sensibilidades, tanto quanto outros textos literários. O cordel é uma literatura *popular*, que expressa de maneira singular o jeito do *ser humano-ser-no-mundo*.

Ao analisar a questão de utilização de múltiplas linguagens no processo de construção de conhecimento em Geografia, Sônia Castellar (2011) enfatiza a importância que tem essas ações ao afirmar que:

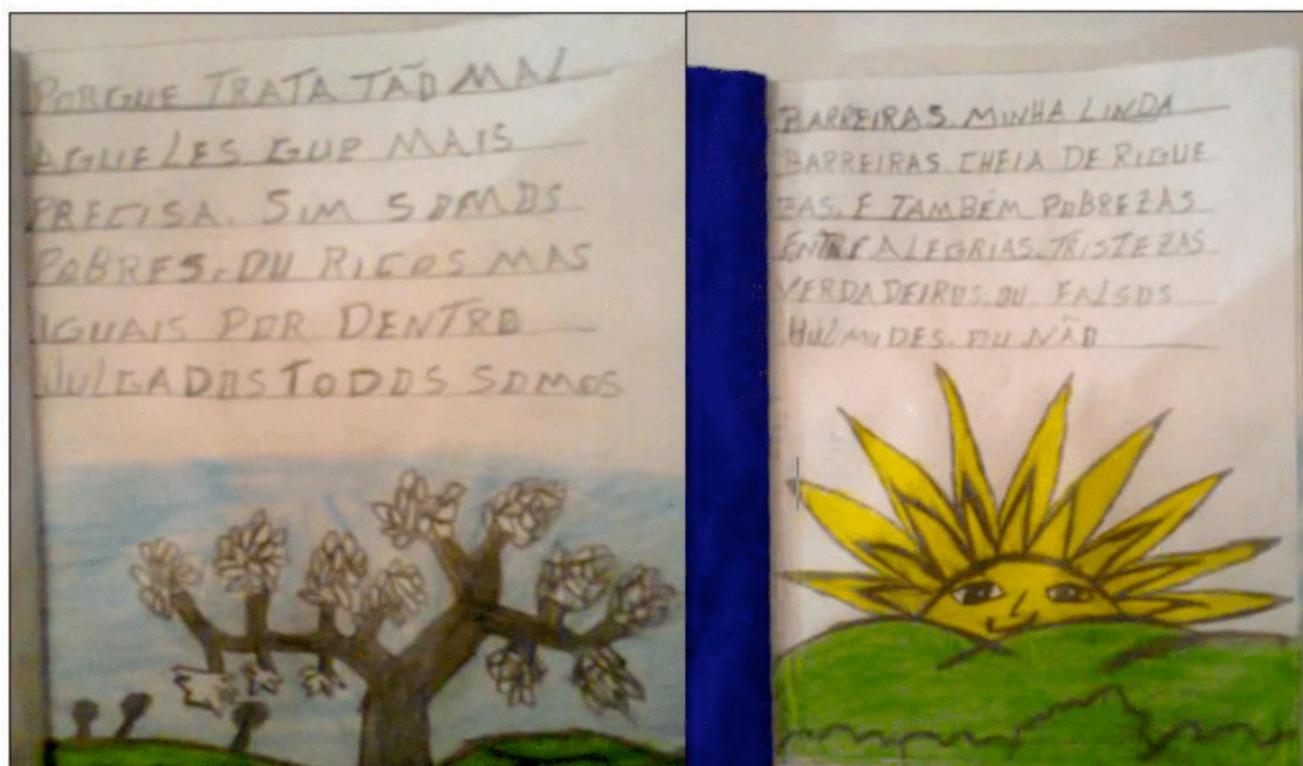
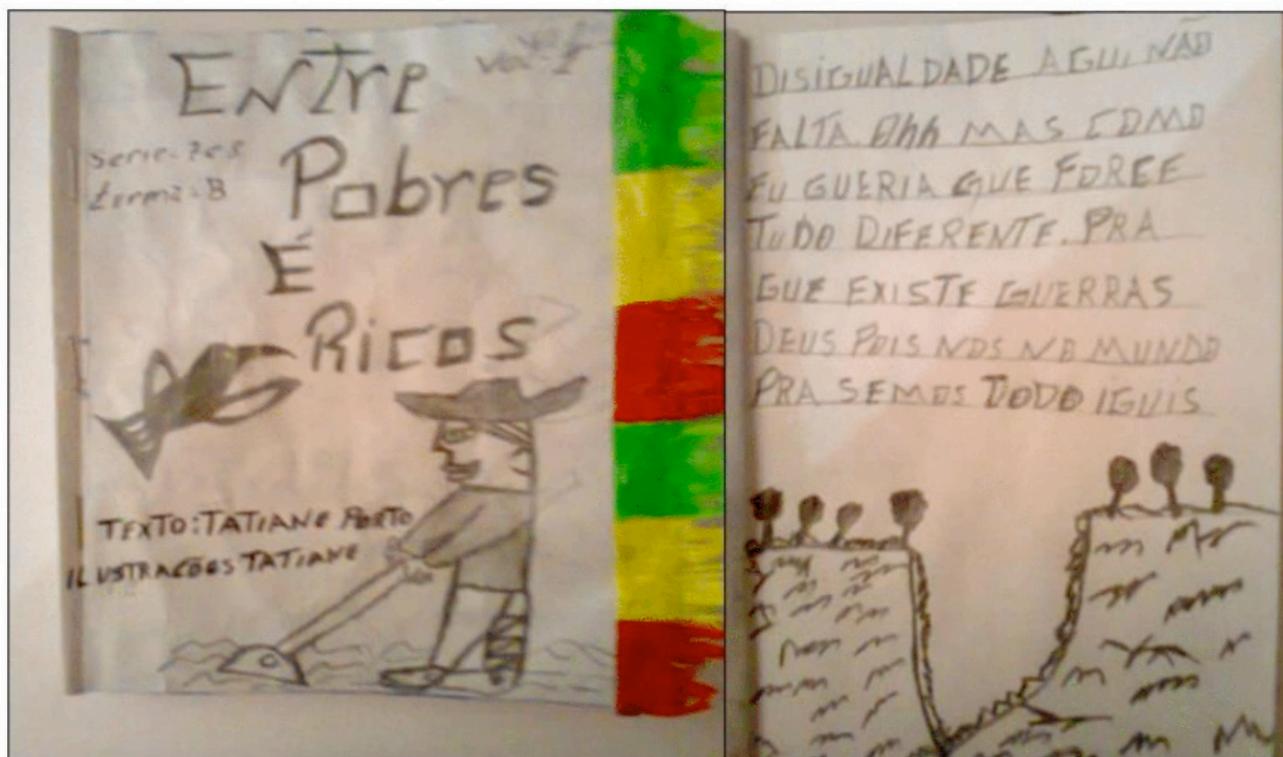
Se o objetivo das aulas, entre outros, é ampliar a capacidade crítica dos alunos, é preciso propor situações em que ele possa confrontar ideias, questionar os fatos com argumentação e, ao mesmo tempo, facilitar-lhe o acesso aos vários gêneros de textos e linguagens. (CASTELLAR, 2011, p.65-66)

Assim, além de utilizar como metodologia a leitura e a interpretação por parte dos estudantes em relação aos textos trabalhados em *Homens e Caranguejos*, decidimos também utilizar os cordéis como meio de produção escrita para fugir do texto tradicional, com tema proposto pelo professor, o qual dificulta o desenvolvimento pelos estudantes. Nessa etapa, passaram a constituir *livretos de Cordel* produzidos pelos próprios estudantes. A produção escrita, segundo acordado em aula, esteve baseada na temática “Desigualdade no Nordeste” com enfoque em Barreiras e a utilização das características de escrita dos *Poemas de Cordel*.

Cabe ressaltar que a seleção dos textos literários, da produção textual de literatura popular interligada com temas da Geografia Escolar despertou o interesse e a motivação de participação, tanto da oralidade, como na escrita pelos estudantes da EJA. Atitudes inexistentes nas aulas consideradas normais com uso do livro didático, quadro e giz.

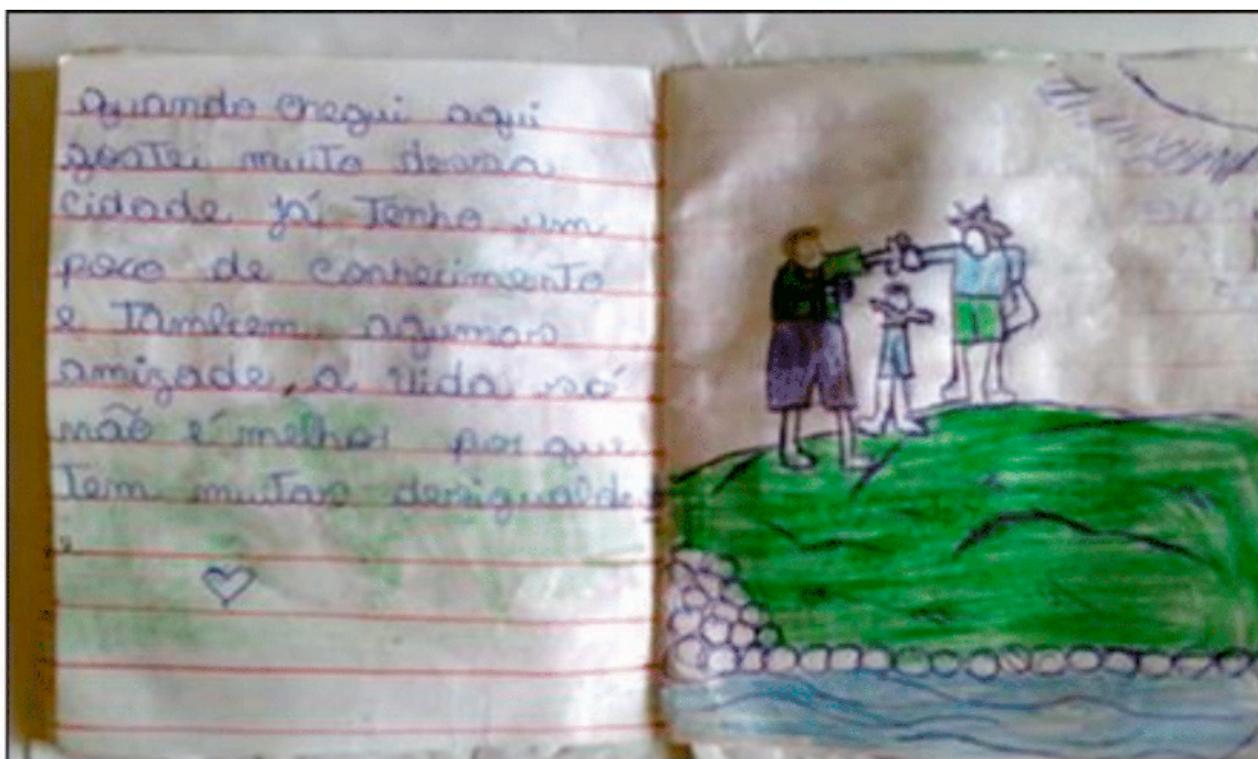
Cavalcanti (2002) também chama a atenção para a questão didático-pedagógica, principalmente no que diz respeito às ações metodológicas em sala de aula com o uso de outras linguagens. Nisso, a participação dos estudantes quanto à atividade desenvolvida

possibilitou a realização de trabalhos escritos muito pertinentes com as temáticas estudadas. Utilizaram as informações, a interpretação das leituras e suas percepções para a produção dos livretos de cordel, caracterizando-os de acordo com as definições sobre “desigualdade no Nordeste” com enfoque em Barreiras (Figuras 10 e 11).



Figuras 10 e 11. Representação das percepções dos estudantes através da literatura de cordel  
Cordel criado pela estudante Tatiane Porto da EJA II, 8º ao 9º anos

Os estudantes refletiram sobre essas temáticas e se expressaram de maneira bem criativa e ao mesmo tempo crítica, sem deixar de demonstrar suas concepções, suas interpretações próprias segundo as discussões em aula, ora a demonstração de um Nordeste seco, como registrado nos desenhos, ora a representação de Barreiras com desigualdades nítidas. O sofrimento do seu povo com a fome, o desemprego, a violência, a politicagem, enfim, os problemas enfrentados pela maioria da população brasileira (Figuras 12 e 13).





Figuras 12 e 13. Representação das desigualdades no Nordeste e em Barreiras  
Cordel criado pelo estudante Hércules da EJA II, 8º ao 9º anos

As impressões do estudante Hércules (autor do cordel acima) demonstram uma análise a respeito das leituras realizadas, e sua maneira de expressar por meio dos desenhos, com signos e a escrita que traduzem, tanto as desigualdades sociais, como as vivências e suas interpretações por esses estudantes.

Outro aspecto observado foram as habilidades com a literatura de cordel. Entretanto, ao analisar os textos nos cordéis percebe-se a dificuldade que esses estudantes ainda possuem em relação à escrita, no caso do Hércules, uma dificuldade ligada diretamente à Língua Portuguesa, mas ao mesmo tempo, nota-se a facilidade com que ele soube discorrer sobre o tema de maneira criativa e coerente com o estudado, sobretudo com o livro de Josué de Castro.

Algumas das representações transpareceram as impressões a respeito de sua própria vivência, suas próprias experiências, pois como já enfatizado, trata-se de jovens e adultos com muita experiência de vida, principalmente os adultos. O Sr. Erenilton procurou retratar em seu cordel suas “andanças”, suas migrações pelo Nordeste, as dificuldades que passou com sua família. Essa impressão fica evidente em seus poemas de cordel, muito criativos e que apresenta a caracterização das famílias assim como a família de *João Paulo*, principal personagem em *Homens e caranguejos*. Vejamos como o Sr. Erenilton demonstra isso em seu cordel:

Eu nasci lá em Jussara no interior do Sertão  
Na região de Irecê a capital do feijão  
Por causa da grande seca sai do meu Sertão.  
Vim para aqui em Barreiras já tendo uma certeza

Vou construir minha vida com moral e com firmeza  
Encontrei muitos ricos mas também muita pobreza.  
Já falei de nossa região agora vou falar do Nordeste  
As terras muito boas tem um solo muito fértil  
Muito deles se migra pra cá por causa da seca da peste.  
Do Piauí ao Ceará se vê muita pobreza  
Esperando a bondancia venha lhe trazer riqueza.  
Vou parar por aqui com essa discussão  
Falar sobre a pobreza é uma grande decepção  
Porque nem o governo não se importa com a Educação.

(Poema de cordel criado pelo estudante Sr. Erenilton Silva,  
8º e 9º anos, 2014)

Assim, percebemos na produção do estudante Sr. Erenilton uma demonstração do que é retratado por Josué de Castro em sua obra *Homens e Caranguejos*, a pobreza, a fome e a falta de consideração por parte dos governantes de nosso país. Todos os problemas foram debatidos junto aos estudantes e propostos momentos em que puseram a expressar seus anseios, suas percepções da vida, do mundo, das relações socioeconômico-culturais, enfim tudo que geralmente é possível abordar por meio da Geografia e da Geografia Escolar aliadas à Literatura.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de trabalhar com a literatura na Geografia Escolar possibilitou a abertura de novos horizontes em relação ao processo de construção do conhecimento. A interface Geografia-Literatura permitiu melhores resultados quanto à quebra de tradicionalismos, maneiras descontextualizadas do processo de ensino – aprendizagem, além da superação das compartimentalizações feitas geralmente para o estudo dos conteúdos do currículo escolar, que não conseguem abordar o que realmente importa ao estudante de maneira interligada entre os diversos saberes escolares.

A interação Literatura e Geografia Escolar oportunizou uma aproximação dos estudos com as vivências dos estudantes, pois ambas procuram estar no âmago das questões relacionadas ao ser humano, e suas interações em sociedade e com o mundo vivido. Desse modo, os estudantes tiveram facilidade para se expressarem, para realizar as atividades propostas e acima de tudo fizeram com muita espontaneidade e motivação. Acredita-se também que por meio da Geografia e da Literatura ultrapassamos a própria explicação de metodologias e métodos pedagógicos, pois as duas em essência formam uma *hermenêutica* da relação homem – espaço – homem – mundo vivido, uma compreensão que considere os aspectos vivenciados e necessários aos estudantes no seu cotidiano.

A possibilidade de uso da obra literária apontada como recurso nas aulas de Geografia apresentou uma maneira diferenciada para tratar do estudo do espaço geográfico e do ser humano, abordando, de um lado os conceitos e métodos científicos da ciência geográfica, e de outro lado, a irracionalidade no entendimento dos sentimentos e necessidades dos estudantes. Dialogar com Josué de Castro foi muito importante, pois a maneira como ele percebe o mundo vivido, as pessoas na sua essência humana nos motivou a pensar também de maneira sensível, mas ao mesmo tempo criticamente. As personagens de *Homens e Caranguejos* foram compreendidas pelos estudantes que fizeram correlações com suas próprias vivências, a realidade da cidade, dos lugares de onde vieram, ou seja, interligaram com o seu mundo vivido.

A importância da utilização da Literatura junto aos estudos das temáticas geográficas possibilitou a ambas trazerem o estudante à análise de sua realidade, à sua interação cotidiana, e dessa forma poder compreender o mundo vivido com suas consonâncias e contradições, muitas vezes mascaradas aos olhos dos estudantes pela sua pouca

criticidade, também condicionada pela desvalorização da leitura em áreas diversas do currículo escolar, senão priorizada somente em Língua Portuguesa.

Nas turmas de EJA, a importância que se deve atribuir à leitura, escrita e compreensão precisa ser enfatizada, pois trata-se de pessoas com vivências diversas e muita experiência de vida. Estes procuram a escola como meio de ajudá-los a viver melhor e a amenizar suas dificuldades no dia a dia.

Autores como Eric Dardel (2011), Eguimar Chaveiro (2014) e Angelo Serpa (2014) contribuíram muito para o desenvolvimento dessa pesquisa, sobretudo porque tratam de estudar o homem em suas representações espaciais e suas vivências. Gaston Bachelard (1988) possibilitou uma visão mais profunda no íntimo da questão humana junto à análise de Dardel (2011) que considera imamente ao homem o espaço. Serpa e Maria Geralda de Almeida já analisam essa interação de maneira subjetiva. Todos percebem a relação de sensibilidade do homem com seu mundo vivido, por isso contribuíram muito para as discussões pela ótica da Geografia e da Literatura.

É preciso romper com o tradicionalismo e passar a interpor as barreiras dos currículos engessados, e assim dar lugar a metodologias de ensino mais abrangentes e pertinentes à aprendizagem do estudante. Os resultados alcançados foram muito positivos, como a maior participação dos estudantes, a facilidade em se expressarem, a criatividade na produção de textos poéticos, nas comparações feitas com o ser humano, o caranguejo e o tatu, mas acima de tudo na correlação que fizeram com o mundo vivido. Porém, nota-se que ainda é preciso avançar em algumas questões, a exemplo das dificuldades de leitura e escrita, pois requer metodologias específicas e mais tempo para a obtenção de melhores resultados, especialmente na Geografia Escolar, na qual percebemos dificuldades relacionadas à espacialidade por parte dos estudantes, como constatado durante as discussões sobre o Nordeste em que não se achavam inclusos nessa região.

Essas interfaces precisam ser encaradas como ações metodológicas nas aulas de Geografia, pois trata-se do estudo e da compreensão do ser humano e toda a sua interação com o mundo vivido, abrir possibilidades de entendimento da sociedade e suas geografias (DARDEL, 2011). Com isso, os estudantes podem intervir na construção do seu próprio conhecimento, relacioná-los com suas experiências de vidas, suas subjetividades (BRAGA e ALMEIDA, 2014), ou seja, compreender melhor o mundo vivido e a partir disso sair da condição de *caranguejos* e *tatus* e passar à sua essência humana, liberto da “*lama*” do mangue ou das “*tocas*” do Cerrado ou Caatinga que lhes são impostos como única condição de sobrevivência.

# REFERÊNCIAS

- AB' SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. **Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo**. In SERPA, A., org. *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ALVES, José Jakson Amancio. **Uma leitura geográfica da fome com Josué de Castro**. *Revista de Geografia Norte Grande*, v.38: 5-20, 2007.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem do Nordeste**. 2 ed. São Paulo: Urupês, 1964.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARROS, Leandro Gomes de. **A seca do Ceará**. Disponível em <http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/asecadoceara.pdf>
- BARREIRAS (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Cultura e Identidade**. Barreiras: SME, 2013.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BRAGA, Helaine da Costa. ALMEIDA, Maria Geralda de. **A interface da geografia com a literatura: reflexões sobre fundamentos teóricos e metodológicos**. *Leitura, Espaço e Sujeito* / Andréa Pereira dos Santos; Angelita Pereira de Lima; Eguimar Felício Chaveiro, Luciana Cândida da Silva – Goiânia: FIC/FUNAPE/LABOTER, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 11 de Agosto de 2020.
- CARDOSO, Tayguara Torres. **A Memória, a História e a Denúncia entre Homens e Caranguejos: a literatura como elemento eloquente de crítica e desvelamento da realidade na obra de Josué de Castro**. *Cromos*, v.1, p.79-93, Natal-RN, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Sertão Nordestino, Desenvolvimento e População – Josué de Castro, Celso Furtado e o debate em torno da “Operação Nordeste”**. Disponível em [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008\\_1532.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008_1532.pdf). Acessado em 16/06/2014.
- CARVALHO, Maria Inês. **Fim de Século – A Escola e a Geografia**. Ijuí-RS: Editora UNIJUI, 1998.
- CASIMIRO, Vítor. **A fome no Brasil: uma análise social**, 2014. Disponível em <http://www.fianbrasil.org.br/site/fome.html> Acesso em 18/08/14.

CASTANHO, David Gomes. **A questão agrária nos livros didáticos de geografia**. Dissertação de Mestrado - Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2009.

CASTELLAR, Sônia. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. 1. ed. (Coleção: Literatura em minha casa) Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CRUZ, Claudete Robalo da. **O Espaço Geográfico como categoria essencial para constituição de uma cidadania ativa: contribuições de Paulo Freire e Milton Santos**. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. CAPES, 2012.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MEDEIROS, MARIA, João e Ginga Filmes (direção geral). **Retratos da Seca**. Criação: ECO Propaganda e Marketing. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=3QEBAJnQSc>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GALLO, Priscila Marchiori Dal; MANDAROLA JR, Eduardo. **Ser e Estar na Cidade Literária: as “Kyotos” de Kawabata**. Caderno de Geografia, v. 20, n.33, 2010.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Revista TERRITÓRIO, ano II, n. 3, jul./dez. 1997.

STEFFENS, Eloíse. **Um Oeste Desnutrido**. Jornal São Francisco. Barreiras – BA, 2012. p. 4-7.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino Básico: questões e propostas**. 2 ed. São Paulo, Contexto: 2011.

LIMA, Angelita Pereira de. CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Filhas da Metrópole: As fendas do sujeito urbano e literatura goiana**. Acessado em [http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/doutorado/trabalhos\\_doutorado/doutorado-angelita-pereira.pdf](http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/doutorado/trabalhos_doutorado/doutorado-angelita-pereira.pdf), às 14:00 horas em 26/04/2014.

MARTINS, Vivian Christine. **A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários**. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-graduação em Geografia Humana da FFLCH da USP. São Paulo: 2006.

MELO e FILHO, D. A. de. **Mangue, Homens e Caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias**. História, Ciências, Saúde. V.10, 505-524. Mangueiros-RJ, 2003.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do Capital**. Boitempo, 2 ed. São Paulo: 2008.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

NANOE, Aline. **Analfabetismo no Brasil evidencia desigualdades sociais históricas** (Laboratório de Demografia e Estudos populacionais - UFJF, 2012). Disponível em <http://www.ufjf.br/ladem/2012/02/24/analfabetismo-no-brasil-evidencia-desigualdades-sociais-historicas/> Acesso em 16/08/14

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Ler o Espaço para Compreender o Mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia.** Revista Tamoios, Ano II, n.02, 2005.

PINHEIRO, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia no Brasil:** Catálogos de Dissertações e Teses. Goiânia: Vieira, 2005.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RODA Viva rocha, Sebastião. Entrevista realizada no Programa– Tv Cultura. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=CVJaTcedInw> acessado em 18/06/14

ROCHA, Sérgio. Video: Os Saberes de Morin. Canal Youtube. com. br. Acessado em 18/06/14.

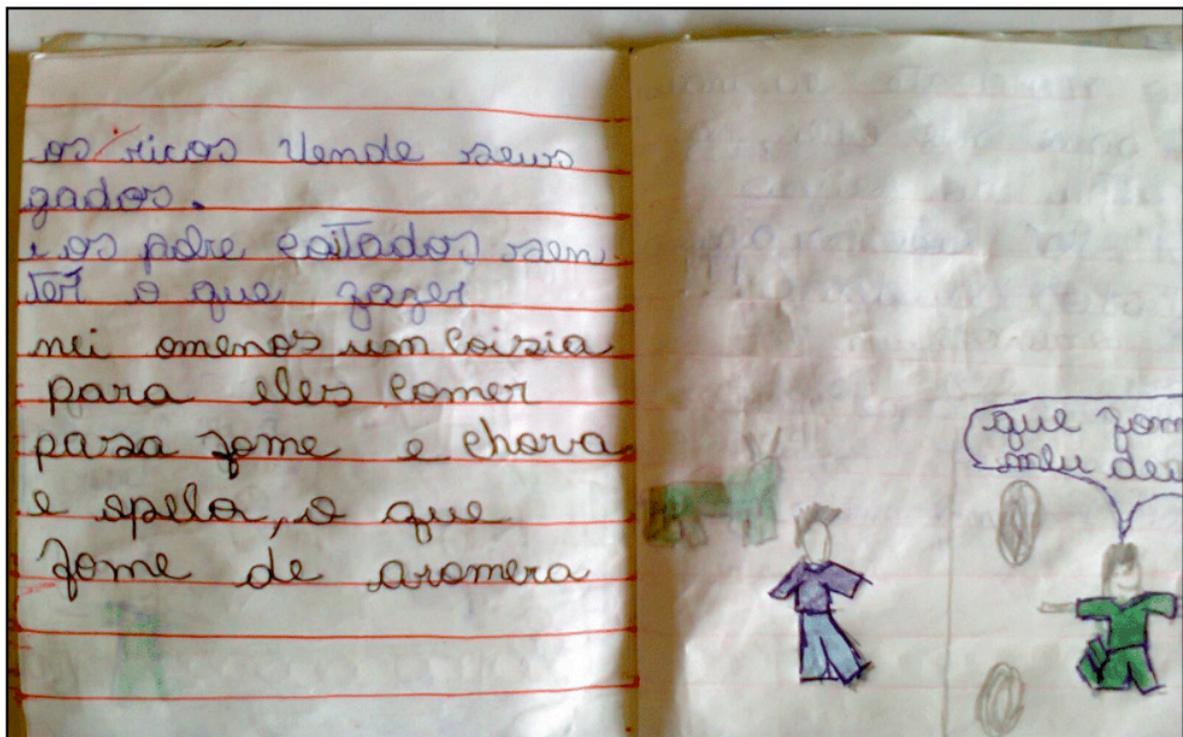
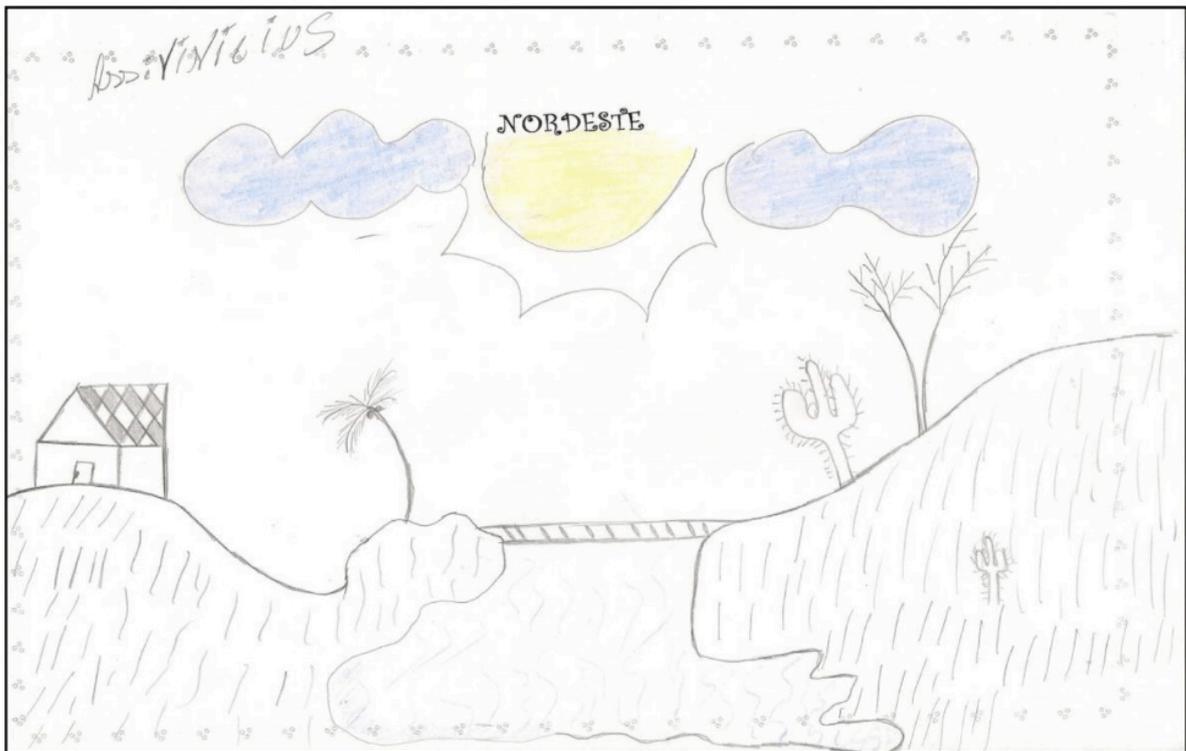
SCIENCE, Chico Letra de Música: Da Lama Ao Caos. Disponível em <http://letras.mus.br/chico-science/108267/> acessado em 18/06/14

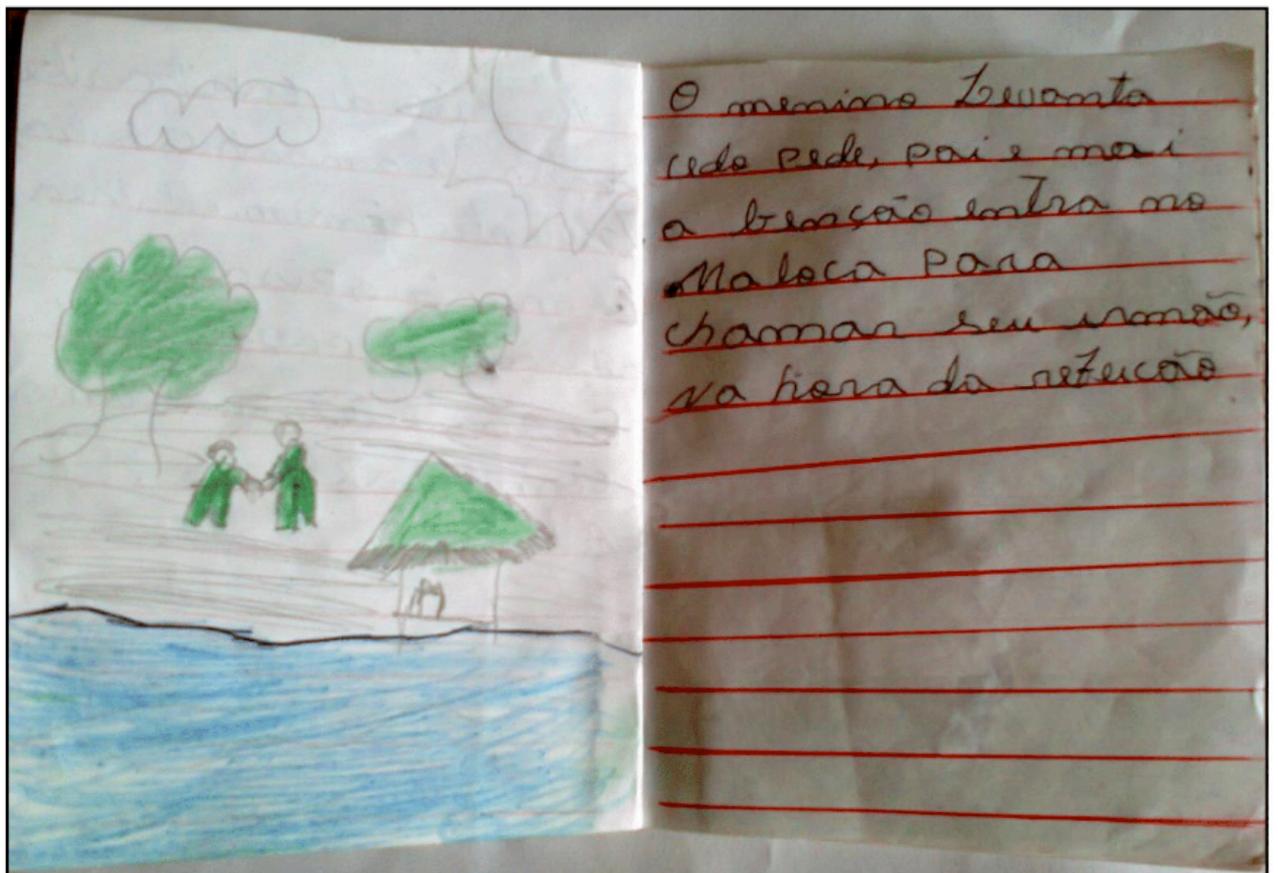
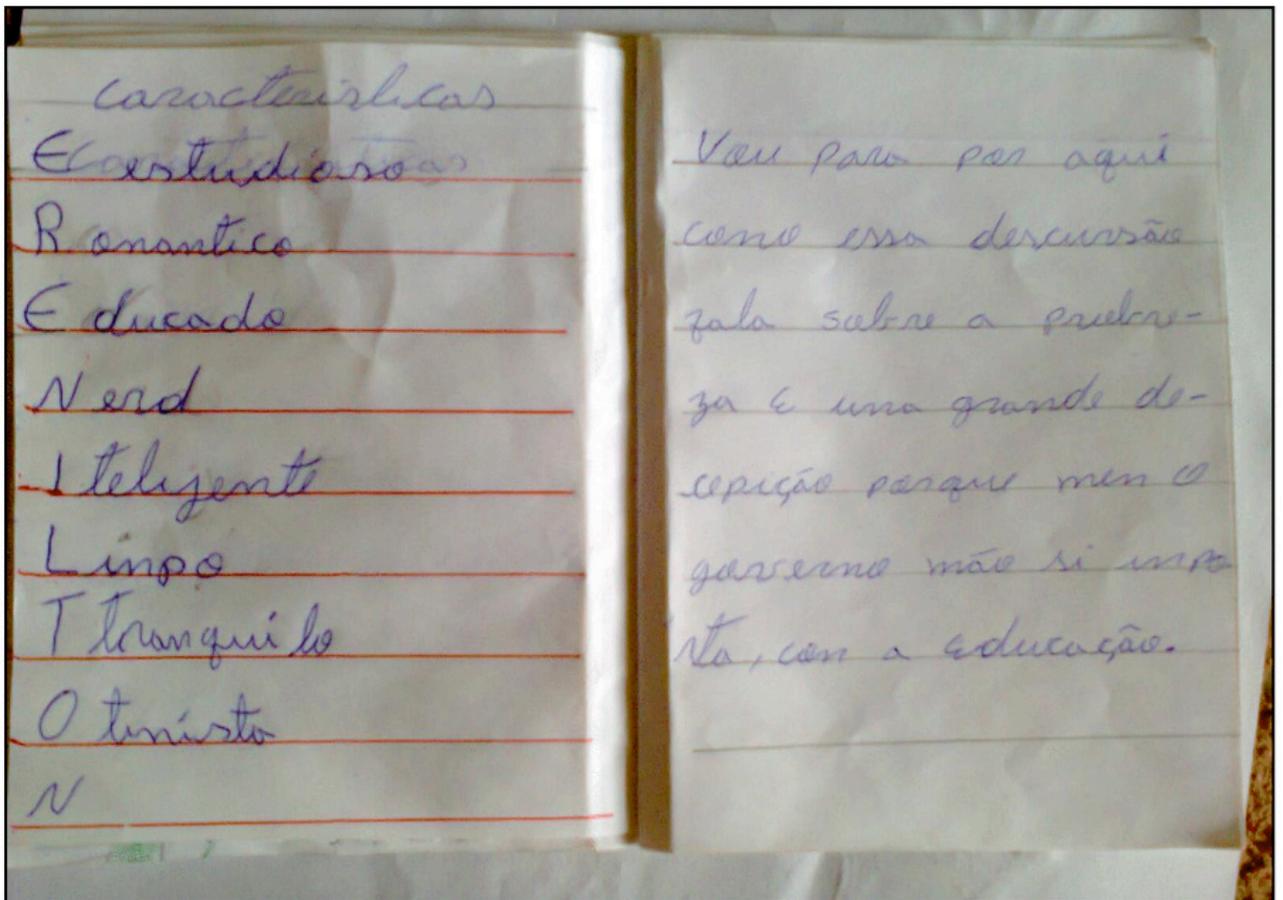
SEEMANN, Jörn. **Geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará).** Revista eletrônica: Ateliê Geográfico – UFG – IESA. v. 1, n. 1. Goiânia, 2007.

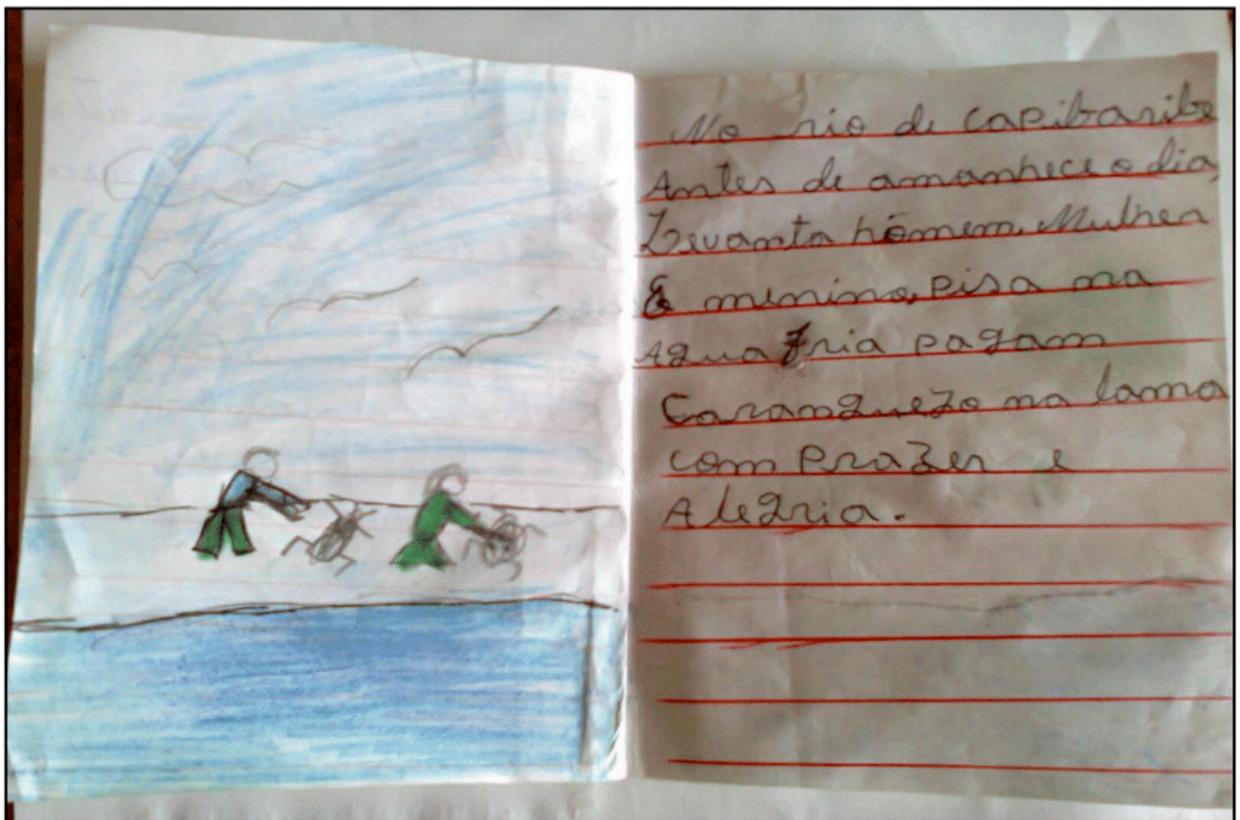
SERPA, Angelo. **Como prevê sem imaginar: o papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico.** Espaços culturais: vivências, imaginação e representações. Disponível em <http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523209162-04.pdf>

\_\_\_\_\_. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

Créditos dos desenhos de Capa e dos Capítulos 1 e 3, respectivamente: Vítor de Macedo Barbosa e Lavinia de Macedo Barbosa.







A pobreza

Hoje a pobreza não é muito  
de se agradecer.  
Tem pessoas ainda sofrendo na  
miséria, será que um dia  
isto pode mudar?

Enquanto tem pessoas na  
na miséria sem cusser.  
Tem outras que são ricas,  
e tem dinheiro para gastar.

Alguns Governantes  
só quer saber da riqueza  
Pra ele tudo tá bom  
só se importa com beleza  
não ver que muitos  
Estão se acabando na praia

A VIDA NÃO É FÁCIL  
MAS TAMBÉM NÃO  
É DIFÍCIL. LUTO  
PELO QUE GUERD  
QUE TALVEZ EU CONSEGU

A simple drawing of a landscape. It features a blue river flowing through green hills. There are three trees: one on the left with a simple leafy top, and two on the right with more textured, rounded tops. The drawing is done in a childlike, sketchy style.

FELIZES VEM TODOS SENDO  
INFELIEMENTE ESSA  
E A VERDADE MAS  
INVEZ ENQUANTO VEM  
A FELICIDADE

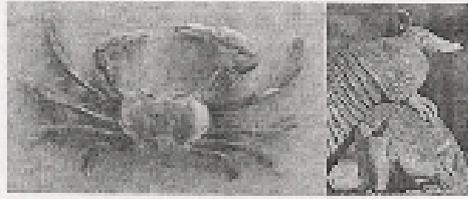


BARREIRAS UMA CIDADA  
DE LINDA. MAS TAM  
BEM MUITO SOFRIDA  
IGUERIA QUE EXISTISSE  
A PAZ. MAS A PAZ AGUI  
NÃO TEM



PORQUE TRATA TÃO MAL  
AQUELES QUE MAIS  
PRECISA. SIM SOMOS  
POBRES, DU RIEOS MAS  
IGUAIS POR DENTRO  
VULGADOS TODOS SOMOS



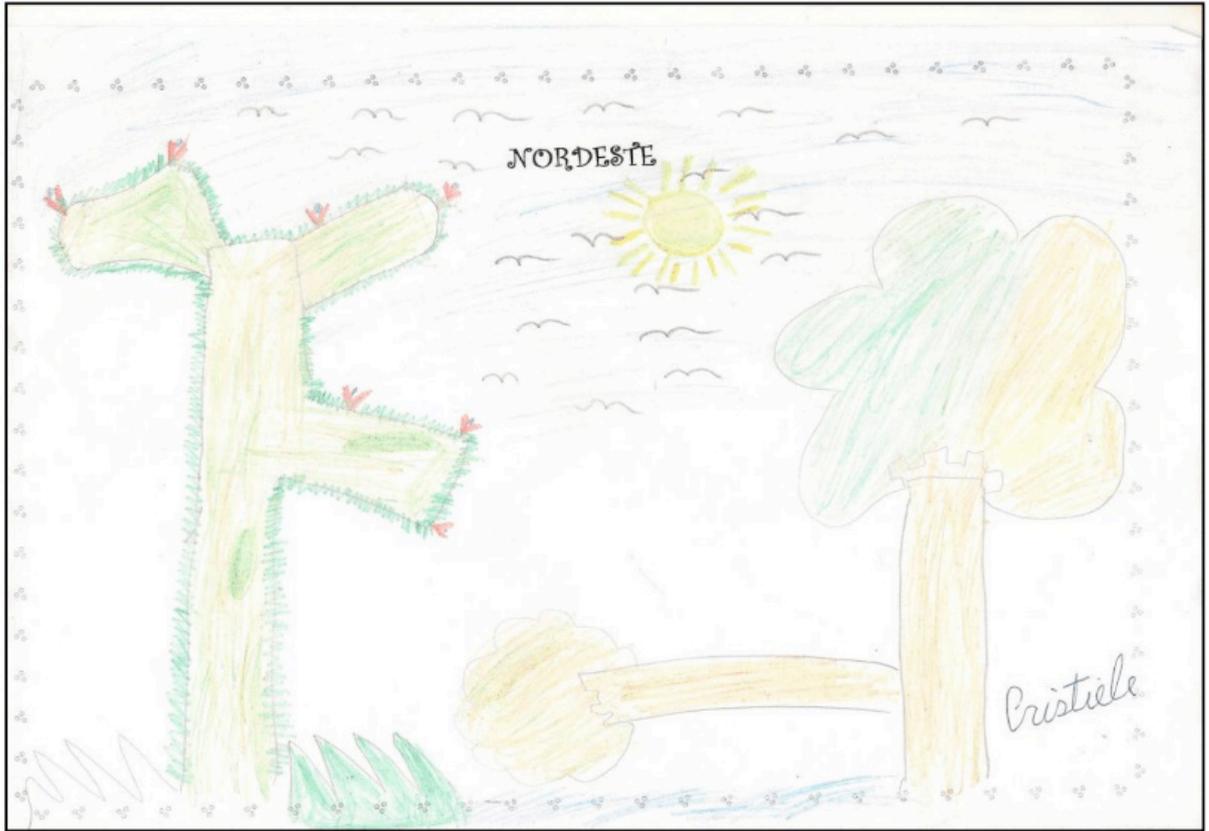


### HOMENS E CARANGUEJOS - HOMENS E TATOS

Homens com caranguejos o caranguejo vive na lama como o homem vive por causa da lama já o homem vive de seu trabalho o homem se cansando com o caranguejo porque o homem vive na lama por causa da o homem a fome faz com que o homem dependa da lama pra sobreviver pega caranguejo para sobreviver o homem sai da lama e volta para a lama para pega caranguejo para sobreviver

O homem parece com o tatu porque o homem cava com as mãos para tirar o caranguejo da lama ele cava e afundava as mãos e cavando pegando comida subia o seu resto de lama e terra tudo isso por fome que o homem sentia ele morava no subsolo se fazia e fazia as mesma função do caranguejo e do tatu o tatu luta para sobreviver pela comida para o tatu assim também era o homem em trabalho luta para sobreviver.

Rafael P. da Silva



# SOBRE OS AUTORES

**DALZIZA ALMEIDA DE MACEDO BARBOSA** - Professora, licenciada em Geografia e Especialista em Análise Territorial e Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Oeste da Bahia. Possui experiência nas áreas do Ensino Fundamental, Educação Infantil e EJA, atuando como professora desde 2008, somando também a experiência como gestora escolar. Publicou em 2014 o livro: *O Ensino de Geografia Entre Contos Poemas e Cordéis*, trabalho este realizado junto aos estudantes da EJA, também autores do livro.

**VALNEY DIAS RIGONATO** - Licenciado, mestre e doutor em geografia pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Curso de Geografia do Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Líder do grupo de pesquisa: Educação Geográfica, Diálogo de Saberes e Cerrado. Coordenador do laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Geografia Escolar. Presidente da Academia Barreirense de Letras.

# *Entre Caranguejos e Tatus:*

*A Leitura e a Escrita do Mundo Vivido  
dos Estudantes da EJA, Barreiras-BA*

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# *Entre Caranguejos e Tatus:*

*A Leitura e a Escrita do Mundo Vivido  
dos Estudantes da EJA, Barreiras-BA*

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 